

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente SAYÃO CARDOSO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIV

Rio de Janeiro, Maio / Junho de 1927

Ns. 161/162

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Sayão Cardoso
(Redactores) J. B. Magalhães, Danton, Veríssimo (da

Redacção) Jorge Duarte, Jourdan, Pies, Aché (da administração) Paes de Andrade,
Nilo Vaz, Orozimbo, Procópio Souza Pinto.

Edição de 38 páginas

S U M M A R I O

EDITORIAL

O pensamento do Governo.

COLLABORAÇÃO

A explicação dos trabalhos dos Estados Maiores de Terra e Mar	Major Genérico.
Estudo sobre a C. na guerra moderna	Cap. J. B. Magalhães.
O problema do Sargento	Cap. Silva Baerão.
Volteando o R. F. C. I.	Cap. Isaltino de Pinho.
O novo Cañhão de Montanha	Cap. Maximiliano Fernandes
Themes de Infantaria (Tática na Carta)	Cap. Derneyval Peixoto
Sugestões	Diversos.
Ainda sobre Sapadores Mineiros (Sub-sídio para os quadros de reserva)	Cap. Bandeira de Melo.

DA REDACÇÃO

O compromisso à bandeira dos conscriptos da L. D. I. — Os preparativos militares na Argentina (transc.) — Novo rumo ao Serviço de Recrutamento — A preparação systematizada de officiaes de reserva — Centro de preparação de officiaes de reserva — Officialato de reserva — Balanço de esperanças — Nota importante.

Adeante!

Acaba de sahir do prélo:

Noções de Topographia de Campanha

PELO

Ten. Cel. Paes d'Andrade

Obra muito útil especialmente aos officiaes
subalternos e inferiores dos corpo de tropa.

A' venda na Redacção de A DEFESA NACIONAL
e na PAPELARIA MACEDO, Rua da Quitanda, 74 - RIO DE JANEIRO

Preço (exclusive porte do correio) — **5\$000**

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o que compete saber ao seu
commandante para bem dirigir a sua pequena
unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

NOTA — A' venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um sello de 500 rs. para a remessa.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente SAYÃO CARDOSO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIV

Rio de Janeiro, Maio/Junho de 1927

Ns. 161/162

EDITORIAL

O pensamento do Governo

Conselho Supremo de Defesa Nacional. — Nova lei de promoções.

— **Nova lei do serviço militar. — Plano para aquisição de Material.**

— **Revisão da ordem de batalha. — Permanencia da M. M. F.**

Explícita ou implicitamente expressas, taes são as ideias capitales da mensagem do Presidente da República sob cujos auspícios acabam de inaugurar-se os trabalhos do Congresso Nacional.

A Defesa Nacional regista pois uma de suas mais esplêndidas vitorias. Não é que se lhe deva a fórmula para a nossa restauração militar. *Mas não há negar que é incalculável o serviço prestado com a diffusão dessas mesmas ideas por ella intensificadas nesses últimos tempos.*

Nunca pretendemos falar em nome do Exército, mas não há dúvida que *A Defesa Nacional* tem sabido sempre reflectir a opinião dêsse grande mártir com a isenção, a persistência e a energia que sómente as convicções profundas podem produzir.

O sentimento exacto de nossa attitude *não nos orgulha mas nos incentiva*. Momentos como êsse é que põem a prova quanto é saudável viver-se acima dos interesses ou dos pontos de vista pessoaes, pensar e agir visando os interesses superiores da collectividade.

**

Vejamos a largos traços o que significam as simples epígraphes enunciadas acima.

O Conselho Supremo de Defesa Nacional vai criar a nação armada, isto é, a defesa militar do país, coerente com as suas possibilidades económicas e seus designios políticos, integralizando as forças vivas da nação em proveito de sua propria defesa, quaequer que sejam as circunstancias; vai estabelecer as responsabilidades e apurá-las; vai acelerar a execução de uma série de medidas que ainda, não foram realizadas — será a escola da preparação da guerra para os homens publicos e o tribunal para os que são responsaveis por aquella preparação.

Nova lei de promoção é a aspiração máxima do Exército, para a ascenção dasquelles que sejam os mais capazes de desempenhar as funções superiores do cmdo; encarada como deve sê-lo é a possibilidade de ascender pelo proprio valór, isento das contingencias pessoaes — será o melhor meio de, em curto prazo, restabelecer o real prestigio do commando como que desarticulado pela desigualdade do saber, da capacidade profissional.

Nova lei do serviço militar visando enquadrá-la na organização civil da sociedade, engastando-a na propria cidadania — será amarrar com uma cinta de aço

os alicerces da grande obra, para a qual o Conselho será a cúpula de ouro.

O plano para a aquisição de material é outra velha aspiração. Com a mentalidade moderna do Exército que se pode fazer sem adoptar previamente um plano? Como encarar o complexo problema da aquisição de material, cuja solução vai exigir o empenho de grandes sommas e o escalonamento no tempo do emprêgo dessas sommas, sem um plano para essas aquisições? Certamente que esse é o único caminho para termos o material completo e homogêneo não só para a ordem de batalha como para os estoques de mobilização.

Revisão da ordem de batalha. Quem desconhece essa necessidade? Não a discutiremos, mas basta pensar um instante em nossa actual organização para concluir até mesmo, de sua oportunidade.

Permanencia da M. M. F. — essa então é uma ideia indiscutível se retomarmos o contracto guiados pelos sete annos de experiência que já temos, se houver

um esforço ao menos para neutralizar os embargos que possam advir à plena efficiencia de seus trabalhos, se fôr procurada esclarecida e patrioticamente a formula capaz para tirar da M. M. F. tudo que ella nos pode ainda dar.

E essas condicioneas desaparecerão por isso que a permanencia da M. M. F. vai se dar no âmbito de medidas de conjunto capazes de, por si sós, dissipar todas essas restrições.

**

O Exército está de parabens.

As ideas que, todos sabemos, encarna a actual administração da pasta da Guerra começam a tomar corpo, generalizam-se e se impõem.

A obra vai começar. Na formidável restauração que se emprehenderá, tão bem definida no pensamento do Governo, há lugar para todos os de boa vontade. Para trás os preconceitos e as dissensões: «amor ao trabalho e fé na vitória» — eis tudo.

O compromisso á bandeira dos conscriptos da 1.^a D. I.

A parada e o desfile das forças da 1.^a D. I. no dia de Tiradentes, marcou positivamente o resurgimento do Exército.

Com verdadeira surpresa para os scepticos lá estava, no Campo de S. Christovam, uma de suas componentes mais representativas, em grande uniforme, com toda a sua tradicional majestade.

Todos sabemos o esforço formidável que representa o brilho de que se revestiu a solennidade do Campo de São Christovam. Mas conforta-nos saber que esse esforço se faz, que é já possível realizá-lo.

E tanto mais confortadora se mostra essa constatação quanto é sabido que esses esforços si alastraram vitoriosamente pelas demais regiões militares no sentido da efficiencia da tropa.

O movimento de officiaes, inclusive officiaes generaes, e a reorganização profunda por que vem passando o Serviço de Intendencia são os indices certos de

que muito já se vai fazendo em prol da realidade do magnifico Exército que possuímos no papel.

Registando esse acontecimento em nota especial, queremos emprestar a nossa solidariedade a quantos trabalham pela causa suprema de efficiencia da tropa — o unico e real objectivo de toda a montagem de uma organização militar.

Embora a apresentação de certos pormenores da parada e do desfile mereçam alguns reparos, não os faremos — todos devemos contentar-nos com o que vimos, pois que foi o maximo que, no estado actual de inicio de reconstrução, nos poderiam dar os quadros como a propria tropa.

Estamos no caminho, a columna de marcha está formada — que todos tenham presentes as regras de circulação e a mais estricta disciplina de marcha e chegaremos vantajosamente ao fim da jornada...

A explicação dos trabalhos dos Estados-Maiores de terra e mar

pelo Major Genserico Vasconcellos

Quando o *Jornal do Brasil*, em editorial de 15 de Outubro do anno passado, prestou o grande serviço de revelar á opinião publica os formidaveis armamentos argentinos, *La Nacion* de Buenos Aires, órgão que honra a imprensa sul-americana publicou interessante editorial. «Não vissem os nossos vizinhos, escrevia o jornal platino, motivos de rebate no programma de armamentos argentinos, pois foi a guerra européa, com a sua sangrenta experientia, que impôs a nova ordem de cousas. O que o governo argentino pretende, é collocar o seu Exército dentro dos moldes da technica moderna».

Estas palavras resumem syntheticamente a idéa mestra do editorial.

Não haveria motivo para rebate, dizemos nós agora, se o governo argentino se limitasse a modernizar o Exército, dentro de proporções razoaveis. Mas o que vemos é que o programma architectado e em plena execução dota a Republica Argentina de uma fôrça superior ás suas necessidades defensivas.

Conhecidas as possibilidades militares dos países limítrophes, podemos afirmar que o Exército argentino, concluido o programma estará em condições de superioridade sobre qualquer dos seus vizinhos.

Não se trata, porém, do Exército tão sómente. O programma naval da Argentina garante-lhe o domínio do mar; a sua aviação, com o fabrico de apparelhos, preponderá nos ares; as suas estradas de ferro, mais extensas que as outras, aumentadas por linhas de carácter estrategico construidas rapidamente, permitir-lhe-ão mobilização e concentração mais rápidas; vinte e cinco annos de serviço militar e obrigatorio deram-lhe, não há negar, as mais numerosas reservas instruidas; o seu corpo de officiaes de reserva é o mais numeroso do Continente.

La Nacion admittirá, por conseguinte, que alguns espiritos nos países vizinhos procurem indagar a razão de tão vastos preparativos.

Na enumeração acima faltam ainda outros dados de real importancia.

Por que em 1927 vai gastar a Argentina enorme somma no realistamento geral de todos os cidadãos sujeitos ao dever militar? A resposta não é difficult. Em primeiro lugar, dada a nova organização, que alterou profundamente o que existia, torna-se indispensável reconstruir todos os planos de mobilização; em segundo lugar a lei do alistamento geral, balanceando melhormente as varias classes e as reservas instruidas e não instruidas, preparará a execução da segunda, que depende no momento da approvação do Congresso. Este projecto de lei, que já obteve parecer favorável na Câmara dos Deputados, extende o periodo da duração do serviço militar e altera, reforçando-os, os varios escalões do Exercito.

A lei n. 4.707, ainda em vigor, distribue o exercito do seguinte modo: exercito de primeira linha, 21 a 30 annos; guarda-nacional, 31 a 40; guarda-territorial 41 a 45.

No texto da Constituição argentina lê-se que a guarda-nacional é da jurisdição dos governos das províncias. Este facto enfraquece, sem duvida, a organização do Exército vizinho, difficultando a mobilização e a instrucção de 10 classes de sua reserva. Assim pensando, o governo propôs a reforma da lei. De acordo com o seu texto, o serviço será imposto durante 12 annos no exército permanente e sua reserva (18 a 20 annos); 10 no exercito de segunda linha e sua reserva (de 30 a 39 annos); 5 na guarda-nacional de complemento e mobilização (de 40 a 44 annos); 5 na guarda territorial (de 45 a 49 annos).

Conclue-se, facilmente, que a nova lei visa os seguintes objectivos:

- 1.º — Contornar a difficultade constitucional;
- 2.º — aumentar o numero de homens sujeitos ao dever militar, para compensar a fraqueza relativa da população argentina (10 milhões);
- 3.º — acelerar a mobilização das 1.ª e 2.ª linhas, aproveitando todos os homens instruidos

durante os seus vinte e cinco annos de serviço militar e obrigatorio. Só assim poderá a Argentina mobilizar, com certa facilidade, 12 divisões de infanteria, 6 activas e 6 de reserva, 3 divisões de cavalaria independente e as formações complementares.

O conjunto de todas as medidas, que formam o programma argentino, é harmonico e fornecer-lhe-á força insuperavel na America do Sul, em terra, no mar e nos ares.

Não é, pois, tão inocente, como fazia crer *La Nacion*, o programma argentino..

Vamos, porém, buscar nas columnas da propria *Nacion* melhores argumentos.

Em seu editorial de 2 de Agosto do anno passado contestava o grande jornal de Buenos Aires certas censuras, apparecidas na imprensa, contra o Ministro da Guerra. Com a sua autoridade habitual e com o conhecimento dos trabalhos intimos dos Ministerios da Guerra e Marinha, escrevia *La Nacion*:

« Durante o anno de 1925, para oferecer um exemplo concreto, realizou-se no Estado-Maior do Exercito, um Jogo da guerra estrategico, no qual tomaram parte activa quatro chefes de serviço da Marinha, estudando-se nelle operações combinadas. Como é publico e notorio, a parte final desses trabalhos, foi assistida pelos Ministros da Guerra e da Marinha, pelos chefes de Estado-Maior de ambos os departamentos, por todos os generaes e almirantes interessados e pelos officiaes de ambos os Ministerios e Estados-Maiores da Inspecção do Exercito. O Ministro da Marinha, por intermedio do seu Estado-Maior, tomou como elemento de julgamento de capital importancia para o seu plano de organização e acquisitions navaes, as conclusões tiradas e deduzidas desse exercicio, de acordo com o estudo especial formulado pelos illustres marinheiros que nelle tomaram parte ».

E' da função normal dos Estados-Maiores o estudo de todas as hypotheses de guerra em que se pode empenhar a nação. Mas no caso vertente, através da linguagem sybilina cuja significação escaparia a leigos, descobre-se facilmente contra que países foi realizado tal Jogo da guerra, em que tomaram parte todos os chefes naturalmente designados para

o commando, em terra e no mar, das futuras e eventuaes operações combinadas.

Um simples mappa da America do Sul esclarecerá o nosso pensamento.

Dada a situação geographica da Republica Argentina, contra que países o exército e a marinha da nossa vizinha precisarão empenhar-se em operações combinadas?

Como de tal estudo resultou a necessidade de novo programma naval, embora já possua' a Argentina na época presente o dominio do mar, conclue-se que o reforço da marinha corresponde á idéa de uma offensiva rapida, victoriosa e decisiva no mar, para facilitar a acção posterior do Exercito.

A nossa deducção não soffre duvida. A continuação do editorial vai prová-lo. « Por outro lado, escrevia *La Nacion*, o Estado-Maior da Armada acaba de entregar ao Exercito um Regulamento de Transportes Maritimos em tempo de guerra, preparado por uma commissão de officiaes de marinha que o estudou cerca de um anno.

Actualmente preparam tamém a marinha um projecto de utilisação da marinha mercante para effectuar transportes fluviaes e marítimos ».

Ora, a Republica Argentina, é limítrophe de cinco países: Chile, Bolivia, Uruguay, Paraguay e Brasil. Na hypótese de guerra com o Chile e a Bolivia, a Argentina não terá necessidade de realizar transportes maritimos e fluviaes. Se, porém, o conflito produzir-se com os outros países, os transportes maritimos e fluviaes assumem notável importancia. Desde a phase da concentração, dada a situação geographica dos rios Paraná e Uruguay os transportes fluviaes começarão a funcionar, como provamos no primeiro artigo desta serie.

Escreveu ainda *La Nacion* no referido editorial: « Comissões mixtas de officiaes da Marinha e do Exercito estudam actualmente, em silencio e laboriosa modestia, a solução dos problemas de installação de fabricas de polvoras e explosivos no país — do intercâmbio aos elementos da aviação de guerra e mil outras minúcias relativas ao trabalho em commun de ambas as instituições ».

A installação da fabrica de aeroplanos já corou, praticamente, o trabalho de uma das commissões; a breve inaugu-

ração da fabrica de polvoras e explosivos realizará os esforços de outra.

Verificamos que os dous Estados-Maiores sabem trabalhar em conjunto e coordenar os seus esforços.

Não nutrimos, contra o povo argentino, qualquer antipathia. Ao contrario, admiramos o seu vertiginoso progresso material e cultural. Este progresso con-

corre talvez para a megalomania dos seus dirigentes.

Com os seus preparativos, vastos demais, a Republica Argentina torna-se, pouco a pouco, um perigo para a fraternidade e a paz do Continente.

E era, isso, o que nós desejávamos dizer ao povo brasileiro com a responsabilidade de nosso nome obscuro.

Os preparativos militares na Argentina

A lei do realistamento geral

«Quando o malogrado Saenz Peña assumiu a presidencia da Republica Argentina, escreveu em sua bella mensagem inicial ao Congresso, que promoveria o aperfeiçoamento obrigatorio do cidadão argentino pelo voto obrigatorio, pelo serviço militar obrigatorio e pela instrucción primaria obrigatoria.

Não concluiu Saenz Peña o seu periodo governamental: a morte arrebatou-o prematuramente. Antes, porém, havia o Congresso votado as leis que lhe tinham sido sugeridas pelo idealismo do grande presidente. E essas leis, aperfeiçoadas pelos seus sucessores, estão concorrendo para a rapida déminuição do coefficiente de analphabetos, para o exercicio, quasi perfeito, da democracia e para o fortalecimento militar da Argentina, cujas reservas são as melhores organizadas do Continente.

Para a realização do voto obrigatorio, era indispensavel que todos os cidadãos, no pleno gozo dos seus direitos civis e políticos, fossem alistados. Saenz Peña pensou e realizou, antes de sua morte, a grande reforma. Tornou a caderneta de alistamento militar, com a photographia e a impressão digital, o documento unico para vida de relação entre o Estado e o cidadão.

No principio alarmou-se a opinião publica. Os registos militares iriam ser viciados pela introdução da política no seu mecanismo. Mas a lei foi executada.

Para que todos os cidadãos a cumprissem, o governo promoveu em 1914 ao realistamento geral de todos os cidadãos. Contavam as reservas argentinas, antes do realistamento geral, pouco mais de 600 mil homens. Concluída a complicada operação em todo o territorio nacional, as reservas subiram, se não nos falha a memória, a um milhão e cem mil homens! Mas o exercito argentino sofreu, nos ultimos tempos, profundas transformações. A divisão, base de toda a organização territorial, perdeu um regimento; crearam-se destacamentos de montanha e divisões de cavalaria independente. Todos os planos de mobilização precisam ser refundidos. Dai o voto de nova lei de realistamento geral de todos os cidadãos, a partir da edade de 18 annos. Durante seis meses, até Junho do corrente anno, as 1250 repartições do registo civil, subordinadas ao Ministerio da Guerra, procederão ao realistamento geral.

Nenhum cidadão, a partir dos 18 annos, escapa ao dever de alistar-se. A caderneta n. 1 pertence ao Dr. Presidente da Republica, que

foi pessoalmente alistar-se. *La Nacion* publicou a photographia do momento em que o Dr. Alvear deixava que se lhe tomassem as impressões digitais; a n. 2 pertence ao Ministro da Guerra; a n. 3, ao da Marinha; e uma outra serviu para qualificar o Arcebispo de Buenos Aires, Monseñor Bottaro.

O exemplo do cumprimento da lei veio de cima. E é natural que os funcionários publicos, inspirando-se no patriotismo dos chefes, sejam os primeiros a alistar-se.

Os que não o fizerem, podem perder os cargos em qualquer tempo.

Como, porém, a caderneta do alistamento militar é o documento indispensavel para o voto, os partidos politicos, em todos os centros populosos, exercem fiscalização severa para impedir as fraudes.

O departamento do pessoal da Guerra, que dirige a operação, preparou 2 milhões de cadernetas. Calculando-se a população da Argentina em 10 milhões, dos quaes 2 milhões de estrangeiros, vê-se que o alistamento abrange 25% da população nacional, isto é, todos os homens a contar da edade de 18 annos.

A guerra de 1870, com a victoria do serviço militar e obrigatorio da Alemanha sobre a conscrição imperfeita francesa, generalizou o principio da nação armada; a guerra de 1914 foi mais longe. Na lei francesa que acaba de ser votada pela Camara dos Deputados, estatuidno sobre a organização nacional para o tempo de guerra, lê-se: todo frances, sem distinção de idade nem de sexo, deve ao país os seus serviços em tempo de guerra.

A Republica Argentina com a lei do alistamento geral, estendendo a obrigação do serviço militar dos adolescentes de 18 annos aos homens de qualquer idade, naturalmente nos limites da capacidade de cada um, prepara a mobilização de toda a sua população masculina.

Não contestamos á Republica Argentina o direito de organizar a sua defesa como entender. Estudada, porém, a situação militar e política do Continente, temos que aconselhar, aos povos que a cercam, identicas medidas de defesa. Assim, todos viveriam tranquillos, sem receio algum do poder militar, naval e aereo de qualquer delles, que é, no caso da Argentina, um poder irresistivel, no estado actual das cousas».

Estudo sobre a Cavallaria na Guerra Moderna

(A propósito da criação da E. C.)

Pelo Cap. J. B. Magalhães

«Armada com modernas armas de precisão, o fuzil e a metralhadora, além de suas velhas armas, o sabre e a lança, e apoiada por uma artilharia muito móvel, a cavallaria pode hoje em dia adaptar-se a qualquer circunstância, da guerra moderna. Era hábito dizer-se que tal ou qual terreno não é próprio para manobras de Cavallaria, mas a verdade que é uma só, é esta:

A cavallaria pode adaptar sua tática a qualquer terreno».

Allemby.

Ao contrário de certas previsões apressadas de antes da guerra e ao contrário de determinadas previsões futuristas de depois da Guerra Mundial, as informações da história militar autorizam a crer que a importância da cavallaria antes cresce no conjunto da guerra que se desvanece com os progressos introduzidos pela indústria.

Parece ser isto um facto unanimemente aceito nos domínios oficiais de todas as nações: provam-no os novos regulamentos com o desenvolvimento atribuído às missões da cavalaria.

Não obstante, têm sido propostas, na ânsia de progredir, por alguns visionários da guerra, a introdução de modificações tais que importariam numa verdadeira substituição da cavallaria por outra arma.

E' uma aberração naturalmente surgida de um erro de observação, de vistas limitadas a casos particulares da grande guerra não abrangendo o conjunto de seu desenvolvimento no tempo e no espaço.

«Quem⁽¹⁾ tenha a ideia de abolir a cavallaria, julgando pelos factos da guerra Mundial, desconhece ou esquece as primeiras semanas da Guerra; não conhece por completo as operações que derrotaram os turcos na Palestina e Mesopotâmia; tampouco sabe das operações das cavallarias alemã e russa na frente oriental, da cavallaria a francesa na Macedónia e da italiana em Vittorio Veneto.

Na guerra o movimento empolga o emprego dos Exércitos e exige, como no passado, infantaria, artilharia e cavallaria disposta de todos os recursos modernos imagináveis e de todos os nova invenção, quer se chamem «tanks», aeroplanos etc. E não há que descutir: *todas as inovações visam o movimento*.

Ainda não chegou o dia em que os meios mecânicos possam substituir o homem com o cavalo.

Muita gente desconhece a dificuldade que há para as outras armas, ainda que ajudadas pela aviação etc., em conduzir uma manobra de envolvimento sem o auxílio da cavallaria; efectuar o reconhecimento de forças, identificá-las e descobrir o dispositivo do inimigo; levar a cabo batalhas campaes, se os flancos são causa de ansiedade; e, ainda mais doloroso, derrotar o inimigo no combate e não poder

fazê-lo de modo decisivo por ser incapaz de perseguí-lo, por falta de cavallaria, quando as outras armas esgotaram-se em rude e tenaz luta».

Felizmente as opiniões contrárias, a esse modo de ver não têm predominado e nem mesmo conseguido generalizar-se a ponto de se tornarem perturbadoras.

**

Em nosso meio há a respeito da cavallaria um aspecto contraditório: a doutrina oficial e unanimemente aceita, consagra os verdadeiros princípios da guerra; na prática, o modo por que é tratada a cavallaria, parece não lhe reconhecer sua *importância de carácter fundamental*, nem o aspecto urgente que seu emprego encerra por toda parte.

Os problemas mais sérios, de cuja solução depende a boa constituição dessa arma, veem sendo indefinidamente preferidos por outros menos urgentes. A proporção mesma de elementos d'essa arma que se prevê, ao que transparece, necessite o Exército em campanha, não corresponde às suas possibilidades de acção nem às suas probabilidades de emprêgo.

Não é, portanto, de admirar que fossem precisos esforços tenazes de alguns para iniciar a criação de nossa Escola de Cavallaria, que só agora começa a ter um carácter definitivo e parece sua necessidade foi decisivamente imposta.

Muito menos deve-se, portanto, admirar da relutância, aversão mesmo, em se resolverem problemas tais como o da remonta, do forrageamento normal dos animais etc., de complexidade muito mais accentuada.

Esses factos, como o carácter provisório dado á soluções de questões básicas, denunciam bem evidentemente a ausência de uma ideia d'uma vez assentada sobre o problema da nossa guerra.

O aspecto provisório nas causas da guerra deve ser eminentemente passageiro e só é cabível ás matérias onde se justifique a incerteza e que necessitem de experimentação.

A sua extensão, explícita, a todas as construções evidencia a falta de uma ideia de conjunto a ser realizada por um programma de desenvolvimento normal, progressivo e continuo.

**

No caso particular da cavallaria, somos dos que pensam que uma das causas dos males que a afligem está no conhecimento imperfeito

(1) Historia da Campanha da Palestina — The Cavabry school — Fort Reley-Kansas.

e incompleto de suas *possibilidades*, o que não deixa sentir a profunda gravidade da situação actual em vista de seus empregos prováveis, ou melhor, certos. Faz temer seja dada a essa arma, de recursos imensos e sempre eficazes uma fraca e imperfeita utilização, em vista do que deveria, normalmente poder realizar.

De outro modo não é possível explicar a situação em que nos encontramos a menos que se atribuisse aos nossos homens uma incapacidade total de ação, o que não seria justo em face de outros acontecimentos. A unica razão plausível e digna é o desconhecimento real das possibilidades, e daí, da necessidade de uma *bôa e numerosa cavallaria*, num país como o nosso.

A ciência desse mistér, faria sentir a urgência, a premência em que nos encontramos para resolver definitivamente, mesmo com certos sacrifícios, os problemas que dizem respeito á *bôa constituição* de nossa cavallaria.

Forçoso é, porém, confessar que a responsabilidade da extrema gravidade da situação a que alludimos, cabe em grande parte aos nossos próprios cavallarianos que adoptaram uma *mentalidade infensa aos progressos da arma e inadequada ás necessidades da guerra moderna*.

E' facto que os cavallarianos de então, valendo-se de uma falsa e retardada experiença e talvez desprovidos de um estudo permanente e mantido em dia, concordaram e aceitaram em todo caso, as bizarras e aniquiladoras soluções dadas ás necessidades da vida de paz das unidades de cavallaria.

A *invenção da invernada* é por onde mais se evidencia a falta de conhecimento tido até agora do que seja ou deva ser a preparação de uma cavallaria para a guerra.

Por outro lado, esse facto e outros hábitos e disposições, incoherentes com as preâmbulas e recomendações regulamentares para instrução da tropa, evidenciam o divórcio entre certos órgãos. Um prognostica uma conducta para a qual outro nega os meios ou os fornece de modo incompleto e impróprio.

Se os cavaleiros em vez de se conformarem, com sua falsa experiença e imprópria mentalidade, mostrassem e propagassem as suas verdadeiras necessidades, ninguém encontraria pontos de apoio onde se firmar para adoptar medidas incompatíveis com a *doutrina de guerra e methodos de preparação da guerra*, evidenciados e traduzidos nos regulamentos.

**

A guerra transformou a cavallaria *desenvolvendo e ampliando suas antigas missões e mesmo atribuiu-lhe novos encargos*, encontrando nella uma excelente *reserva de fogo* na mão do chefe.

Essas novas necessidades forçaram-na a que adoptasse novos meios. Propriamente não foram os novos meios que transformaram a cavallaria, foram as novas necessidades de seu emprego.

Mas é incontestável que adoptando novos meios de combate, adoptou novos processos de combate adequados com esses meios. Desenvolveu apenas a sua táctica e tornou-se mais poderosa. Suas características, porém, ficaram inalteradas. Antigamente era quase que exclusivamente arma offensiva, *arma do choque e da*

audácia; hoje é a arma da parada por excelência, — *caracter defensivo* — mas ainda capaz de choque e de audácia.

Mas isto é um accrescimo aos seus valores antigos e nunca um sinal de desvalorização.

Ha na Guerra Mundial episódios que parecem criados especialmente para resaltar o valor, a importância e a necessidade da cavallaria na guerra moderna.

Basta contemplarmos a campanha da *Palestina e Syria* de 1916 a 1918, esse quadro que se apresenta como propositadamente criado para pôr em evidência o valor de uma cavallaria numerosa e boa, para nós brasileiros sermos naturalmente solicitados á uma meditação cuidada dos acontecimentos desse théatro de operações.

Os ensinamentos claros que ái se colhem e que tanto se podem aplicar ás nossas condições geográficas e recursos locaes, parecem postos em relévo bastante sensivel para orientar a nossa *política interna de guerra*, sabendo prover-nos de cavallaria e vias de comunicação convenientemente orientadas.

Através de desertos, em país desprovisto até de água, pobre de vias de comunicação⁽²⁾ o Exército Inglês conduzia methodicamente sua campanha, mas estribando seus grandes sucessos, em parte bastante sensíveis na sua superioridade em armas montadas.

Além dos factos dessa campanha característica, que a Guerra Mundial nos apresenta para valorizar a cavallaria, convém recordar as acções da frente Oriental e da Macedónia que o feito de Uskub e a marcha para o Danúbio tanto ilustram.

Mas encontramos também em nossa própria história a mesma insistência em fazer-nos meditar o papel que devemos attribuir á nossa cavallaria. São os resultados colhidos em nossas campanhas pelos Andrade Neves e Osório e são tambem os louros e proventos perdidos por nem sempre a havermos cuidado convenientemente.

**

Não há dúvida que a constituição geológica e o aspecto geographico de nosso país, mormente ao Sul, differem profundamente dos da Palestina e Syria. Não temos ai desertos, sulcos como o valle do Jordão e do Mar Morto, nem a terrível falta d'água, a não ser excepcionalmente na faixa fronteiriça em certas épocas.

Ao contrario, fugindo da costa, subimos logo extenso e rico planalto, rico em mattas, em rios, e campinas de pastagens mais ou menos valiosas. Os rios são perenes, as mattas profundas, mas as estradas são raras e más e nem sempre bem orientadas para uma boa utilização de guerra.

Tambem fugindo da costa mais e mais se rarefazem os habitantes. O nosso país cheio de riquezas é paupérrimo para a guerra que quer essas riquezas, não em matéria prima, mas manufacturadas.

E' esse aspecto, o da escassez de recursos, recursos da indústria, no local da guerra que

⁽²⁾ Nesse particular talvez mais rico do que nós relativamente.

torna sobre tudo para nós interessante a campanha da Palestina e Syria.

Não teremos de lutar contra a falta d'água e não precisamos talvez de organizar qualquer *pipe-line*, mas em estradas teremos fatalmente de emprehender na hora da guerra, obras semelhantes a dos ingleses, *sem dispormos de trabalhadores egípcios*, se não soubermos fazê-las calma, útil e económico desde a paz.

Por outro lado, a imperfeição da preparação militar turca, o estado de transição em que se achava seu Exército, fazem-nos reflectir sombriamente. Sabemos que as leis da guerra, preparação ou execução, são fixas, imutáveis e universais...

Muitos encontram vantagens nos obstáculos passivos que poderíamos talvez oppor, com nossas imensas mattas e extensões incultas á uma progressão ameaçadora do inimigo. É um erro, salvo se o inimigo não for bem organizado para a guerra.

Os turco-alemães não puderam se abrigar dos golpes ingleses, nem pelos desertos, nem pelo calor suffocante e pestífero...

**

Vejamos agora mais particularmente o uso que os ingleses fizeram das armas montadas, num país sem água e sem cartas como o nosso.

«(3) O exito da progressão inglesa, de Suez, pelo deserto do Sinai, até a Palestina, assentou exclusivamente na faculdade de movimento do Exército, obtida pelo desenvolvimento das vias ferreas primeiro, e depois pelo constante uso que soube fazer das armas montadas e que continuou sempre».

Quando o General Allembry assumiu o comando em Junho de 1917, o Exército estava detido deante da linha Gasa-Beersheba tendo fracassado os ataques contra Gaza, dirigidos pelo General Archibald Murray.

Allembry despendeu algum tempo reorganizando suas forças, recebendo reforços, construindo a via ferrea Rafa-Shellal, cuidando do abastecimento d'água etc.

Comprehendendo o partido que podia tirar das tropas montadas architectou sua manobra, não mais com o esforço principal sobre Gaza, e, sim, procurando o «contorno» por Beershelea, flanco esquerdo turco.

A operação foi coroada de bom êxito prosseguindo depois a marcha para o Norte (Jerusalém) com o melhor vigor.

«Les résultats obtenus étaient très importants: depuis le 1.^o Novembre, la droite anglaise avait progressé de 120 Km, et la gauche de 70 Km. Les forces turques, comprenant 9 D.I et une D.C., avaient été complètement battues et avaient perdu près de $\frac{2}{3}$ de leur effectif, laissant entre les mains des Anglais 9000 prisonniers, 80 canons, plus de 100 mitrailleuses et une grande quantité de munitions et de matériel de guerre. Elles étaient maintenant coupées, la VII^o Armée à l'Est dans les montagnes, vers Jerusalem, la VIII^o Armée au Nord, dans la plaine le long de la côte. Ces deux Armées étaient d'ailleurs passablement désorganisées et, étant donné la disposition du réseau routier, ne

pouvaient plus se ressouder que beaucoup plus au Nord, vers la ligne: *Tull Keran - Naplouse*».

Só vai o Exército Inglês deter-se agora frete a linha — Norte de Jaffa — Jerichó, desde o mar até o Jordão, onde apoiava sua direita, depois do último esforço para conquista de Jerusalém.

Assim, desde Dezembro de 1917 até Setembro de 1918, não houve de notável senão os «raids» de Amman e de Es Salt, além de pequenas operações consistindo em rectificações da frente e dos ataques para a constituição de cabeças de ponte a L. do Jordão de que aquelas «raids» necessitavam.

O Exército Inglês, que estava então fatigado, precisava refazer-se, ao mesmo tempo que uma crise de efectivos impunha a chamada ao continente de várias unidades inglesas da Palestina.

Foi largo tempo empregado nesses trabalhos preparatórios e outros que se impunham para execução da manobra de *Tull Keran* que iniciava a phase final da guerra na Palestina e Syria.

E' nessa phase que todo valor da cavalaria vai ser posto em evidência.

A própria idea de manobra de *Tull Keran* assenta em grande parte na superioridade em armas montadas do Exército Inglês sobre seu adversário, reforçando talvez a influência decisiva adquirida pela experiência dos «raids» de Es salt e Amman.

(4) «O triumpho de Allembry é devido á sua cavallaria; foi ella quem tornou decisivos os resultados.

De resto, Allembry confessa que foi sua superioridade em cavallaria que mais influiu na escolha do ponto de ataque».

Atacar pela direita, pelo valle do Jordão, os «raids» de Amman e de Es Salt evidenciavam seria lutar com dificuldade sérias de terreno e favorecer a manobra do inimigo. Ao contrário, ao centro e sobretudo á esquerda, vencidas as resistências que o inimigo podia oppor nesses pontos, teria a cavallaria sua passagem livre para cair sobre as comunicações da retaguarda inimiga e cortar sua retirada.

Allembry não hesitou, mesmo porque a isso o convidava o dispositivo turco-alemão que não era de molde a offerecer resistência prolongada.

Tinha a débil profundidade 30 kms. para uma frente de 70 kms. e não dispunha de reservas geraes sérias. (5)

(4) Vide nota 1.

(5) Derougmont — (Oper. brit. na Palestina).

«Son front (turco) n'était qu'une croute derrière laquelle il n'y avait rien ou à peu près rien.

Dans ces conditions, le General Allembry estima qu'une rupture frontale à l'Ouest du Jourdain, qu'il était possible de réaliser rapidement en y consacrant les moyens très importants qui lui permettait sa supériorité numérique, était susceptible d'amener un résultat décisif, puisque, la croute une fois percée, on ne rencontrerait rien derrière et qu'ainsi la cavallerie pourrait être decouplée dans une exploitation intensive.

(3) Vide nota 1.

Se Allemby conseguisse atacar de surpresa de modo a que o inimigo não pudesse reforçar-se a tempo, ser-lhe-ia empresa fácil romper a débil *crosta* inimiga, dando larga passagem á cavallaria.

(⁶) «A surpresa Allemby a obteve correndo mesmo o risco de ficar muito fraco em outros pontos de sua frente, mas sempre obediente á ideia predominante de abrir uma passagem á sua cavallaria, através das linhas inimigas.

Para isso concentrou em uma frente de 24 kms. 35.000 infantes e 383 canhões contra 8.000 turcos e 130 canhões; nos 72 kms. restantes de sua larga frente deixou apenas 22.000 infantes e 157 canhões.

Na própria frente de 24 kms. só atacou um saliente dando á sua infantaria a maior profundidade».

«Cela representait une densité d'une D I (⁷) par 3 kms. de front, analogue à celle en usage dans les grandes attaques du front français, mais exceptionnelle en Palestine» (Derougemont).

Todos os movimentos para a ocupação da base de partida do ataque foram feitos á noite, tendo as 3 DC, occultas em bosques de oliveiras e laranjeiras atrás da esquerda, só se aproximando da frente na manhã do dia do ataque.

«As instruções dadas a essa cavallaria consignavam accentuadamente:

1.^º, uma vez rompida a frente, toda massa de cavallaria lançar-se-ia para a frente contra as retaguardas turcas e cortaria suas linhas de comunicações bem profundamente á retaguarda;

2.^º tudo, absolutamente tudo, deveria subordinar-se á essa ideia principal, não sendo permitido o desperdício de um só homem, empregados todos, até o último, em levar a cabo o movimento».

Estas instruções foram cumpridas rigorosamente: a cavallaria passou através da brecha aberta pela infantaria levando tudo por diante.

O ataque foi desencadeado ás 4 h e 45 m de 19 de Setembro depois de uma preparação de artilharia de 15 minutos.

Foram sucessivamente tomadas, quase sem resistências, á esquerda, as duas posições turcas, de modo que as 7 h e 30, isto é, 3 horas depois de iniciado o ataque, já o C.C. do General Chauvel iniciava francamente sua marcha para a frente passando a linha do *Nhar Falick*, direita da 2.^a posição turca.

Ao meio dia o C.C. atingia a linha *Hudeira* — *Jelameh* a 30 kms. de seu ponto de partida.

Ao cabo de 32 horas alcançava *Aljule-Beisan*; (⁸) uma Bda. C chegava a Nazareth com 22 horas de marcha e a 4.^a DC, tendo percorrido 120 kms. em 24 horas chegava a Beisan.

Quando os turcos se retiraram sobre a linha *Aljule-Beisan* depois de 4 dias de marchas contínuas, tiveram grande surpresa em já aí encontrarem a cavallaria inglesa e tal que o pânico invadiu suas fileiras e muitos se renderam quase sem resistência.

(⁶) Vide nota 1.

(⁷) A D I ingleza dispunha de 12 batalhões.

(⁸) Alfule-Beisan e Deroa eram três pontos obrigatórios para as columnas turcas em retirada. Aí convergiam as estradas conduzindo de Oeste e do Sul para o N.

Em 4 dias foram derrotados os VII e VIII Exércitos e ocupadas *Heija* e *Acre*; em 10 dias caía Damasco e o IV Exército, a Este do Jordão, era quase todo capturado.

Em 30 dias de campanha a cavallaria ocupava *Aleppo* a cerca de 480 kms. do ponto de irrupção nas linhas turcas, cortando a via férrea de Bagdad que era a principal, comunicação para Constantinopla.

**

Prehenchia assim o Exército Inglês da Palestina a grande missão que lhe foi dado desempenhar no anno da decisão da guerra, impedindo que os Impérios Centraes achassem na Turquia reservas para oppor na frente ocidental á grande offensiva dos Aliados.

Mas notemos que foram seus recursos em armas montadas, que foi sua cavallaria quem tornou decisivos os resultados dentro de um prazo extraordinariamente curto e mesmo desconcertante.

A característica principal das acções a partir da manobra de *Tull Keran* foi a rapidez com que se executaram todos os actos da perseguição.

Não obstante, houve algumas resistências isoladas, locaes, que mais serviram para evidenciar as qualidades e o valor de uma boa cavallaria.

Sem falar das marchas nocturnas que se tornaram usuais, mesmo para a cavallaria, vemos agora alguns feitos particulares bastante interessantes para evidenciar sua *capacidade executiva*.

(⁹) «Tácticamente o bom êxito dos ataques montados foi devido, notadamente, ao uso audaz da arma branca, combinado, quando era possível, com um bem dirigido fogo de metralhadoras e de artilharia (Ataque de Beersheba).

Numa unidade de cavallaria em que se aumente o poder do jogo maior numero de combatentes fica disponivel para o ataque montado.

Estes ataques montados lançaram-se sempre sobre frentes estreitas, grande profundidade e grandes intervallos, formando alvos pequenos e moveis, defficeis de acertar. Esta formação causou ao inimigo surpresa a principio, depois desorientação e pânico».

Lê-se ainda em Derougemont:

«Le 27, (descrevendo a marcha para Damasco) nouveau combat, cette fois de la 10^a Brigade avec cette flanc-garde à El Remte: la charge bien conduite d'un escadron amena la capture de 200 prisonniers et 20 mitrailleuses».

(¹⁰) «No que se refere a ataques nocturnos, temos pelo menos três levados a effeito pela cavallaria: o primeiro, na região de Nazareth na noite de 22 de Setembro quando um grande contingente turco procurava se aproximar vindo de *Haifa*; a cavallaria inglesa o atacou a pé; o 18 lanceiros carregando a *baioneta* capturou cerca de 300 prisioneiros.

O segundo, perto de Beisan, na noite de 21 de Setembro, parte do Regimento Montado da India Central, carregou sobre a testa de

(⁹) Vide nota 1.

(¹⁰) Vide nota 1.

uma columna turca capturando cerca de 150 homens. No dia seguinte a columna desmoralizada rendeu-se com 3.000 homens.

O terceiro foi levado a efeito pela 3.^a Bda. Australiana em Saza na segunda metade da noite.

A respeito, supomos, deste ultimo, diz Drougemont:

«Le 29, la marche continua vers Nord-Est, les Australiens toujours en tête. En arrivant à la tombée de la nuit au sud de Saza, la 3.^a Brigade, avant garde de cette DC, se heurta aux Turcs qui occupaient une crête de terrain volcanique, couvert de blocs de lave, et de parcours difficile dans l'abscurité. Elle ne put progrer. Le commandant de la DC fit alors appel au régiment français, qui marchait avec la 5.^a Brigade, et qui, contournant à pied la position ennemie, la fit tomber le 30 à 3 heures du matin en capturant 2 canons et 7 mitrailleuses».

Para finalizar estas citações bastante sugestivas, vejamos alguma cousa sobre as marchas, em homenagem a principal característica da cavalaria.

(11) «A maior marcha da campanha foi efectuada pela 5.^a DC, que cobria 800 kms. em 36 dias até alcançar Aleppo. Como exemplo de marchas rápidas por unidades relativamente grandes, temos a da 3.^a DC, entre Jenun e Jenina com 17 kms. em 70 minutos; e as das 3.^a e 4.^a Bda. C. Australianas no «raíz» de Es Salt, com 24 kms. em 80 minutos.

Consideremos agora que para uma cavalaria poder tornar-se elemento principal da decisão de uma campanha, é preciso realizar condições práticas e teóricas mínimas e uma mentalidade de plena confiança em seus próprios recursos.

Isto, porém, é obra de um trabalho contínuo que assegure a plena posse dos meios de acção; é o produto de uma organização adequada e de uma instrução tendo em vista criar hábitos, ou coordenar e desenvolver os bons, já existentes, e eliminar os maus.

Nenhum país do mundo pedirá talvez á sua cavalaria o que será pedido á nossa, muito provavelmente, em caso de guerra.

No estado actual poderá ella cumprir suas missões?

Certamente não. Se na hora da guerra, que talvez se esboça no horizonte actual da política continental, não puder fazer o milagre de vencer, isto é descobrir, manter o contacto, retardar, conter ou perseguir o inimigo, seus detractores certos, não hão de querer recordar-se de sua precária existência de paz: *cavallos em invernada, desferrados, sem trato, e sem alimentação, destreinados; cavalleiros sem ideia da guerra; efectivos escassos, etc., etc.*

E' necessário uma reforma profunda para poder-se contar com uma cavalaria capaz e útil; perfeita conhecedora de seus próprios recursos e capaz de usa-los em pleno rendimento.

Seu cavallo deve ser sempre e em qualquer momento um animal de guerra mas para isso precisa ter qualidades, comer e trabalhar, ser ferrado, pensado e bem arreiado. Suas armas devem, em numero e qualidade, ser proporcionais ás suas necessidades, de fácil manejô, leves e rústicas.

Isto posto, será preciso dar-lhe uma alma, criar uma mentalidade, hábitos activos, energéticos e vivos, o que será em grande parte a tarefa principal que incumbe á nossa Escola de Cavalaria.

Oxalá, possam as sábias lições da história preocupper o espírito de nossos homens e abrir seus corações aos sentimentos justos, afim de que realizemos o mais breve possível entre nós a grande arma das decisões; da cobertura, das brechas, dos intervallos, dos pontos fracos em summa; ou da exploração, da vanguarda ou da perseguição, missões que accentuam a convicção da força que progride e quer dominar.

**

Que se não esqueça, porém, em nossa E.C. que uma das características pejorativas que tanto perturbam nossa evolução, é a falta do hábito de realizar até o pleno e perfeito acaibamento. E' a essa falta que devemos imputar a responsabilidade do fracasso de nossas mais acalentadas esperanças, muitas vezes.

Nossa cultura teórica é mais livresca que fruto de uma observação própria, e por isso raramente pensamos de facto em agir e muito menos emprehendemos agir. Veríamos, então, quão pouco valem êsses conhecimentos que, pelo exercício, não se transformam em hábitos.

A cultura que não assenta numa base concreta, e que não é levada até ao exercício das acções práticas, faz bons críticos, porém jamais produz constructores, organizadores.

**

Ora, a guerra é um *phenómeno de movimento*, de actividades sempre urgentes mas necessariamente méthodicas. A cavalaria é a arma activa por excellênciam. Sua cultura deve portanto, desenvolver a *idea de realizar* e criar o hábito de realizar, mas em segurança e depressa.

Isto feito, veríamos quão falsas são as vezes os argumentos de experiências de antanho quando os recursos, os meios e os tempos eram inteiramente outros.

Fosse hábito praticar largos quadros táticos ou estratégicos em seus minuciosos e afanosos pormenores, exercitar trabalhos de guerra vencendo as dificuldades que aí surgirão, por fôrça mais agravadas, e certamente estariam reduzidas a um mínimo as nossas falhas.

O exercício da função desenvolvendo os órgãos correspondentes, não os deixaria chegar ao estado de atrofia em que se acham.

Como ter noção exacta de sua imperfeição se não se vêm em actividade?

Um motor de gas, parado, não denuncia as suas probabilidades de «pane»...

(11) Vide nota 1.

O problema do Sargento

(A propósito da «nota» sobre «Sargentos Secretários»)

Pelo Cap. Silva Barros.

Incontestavelmente, a «Defesa Nacional» é uma revista de utilidáde.

Em seu numero 159, apreciando as dificuldades em que se viram alguns officiaes de Estado Maior, por falta de executores mecânicos do Serviço, lembra a criação de um quadro de «Sargentos secretários» destinados aos serviços de execução nas secções do Estado Maior.

Antes de iniciarmos o nosso estudo sobre tão palpitante assumpto, solicitamos dos companheiros de A Defesa Nacional a necessária permissão para auxilia-los.

Isto posto, entremos com as credenciaes;

Durante os nossos nove annos de sargento (cinco na tropa e quatro no Estado Maior), sentimos de perto o quásí abandono por tão laboriosa quão modesta classe de Servidores do Estado.

A quásí inexistencia de bons sargentos não se resente apenas no Estado Maior; ella se manifesta em todos os Serviços do Exército.

A Intendência, por exemplo, não posse hoje uma dúzia de sargentos, em todo o Exército, em condições de satisfazer as necessidades do Serviço.

Não procuramos discutir os factores que levaram o nosso Exército a este estado de coisas, porque êlles estão ao alcance de todos: o commissionamento, as Escolas, o progresso, enfim.

E' um pouco forte dizer-se que, se por um lado temos progredido vertiginosamente, estudando, vendo e revendo a parte guerreira, por outro lado, em matéria de Administração Militar, estamos atrasadíssimos.

E o mais interessante é que teremos ainda de retroceder um pouco, se quisermos integralizar o Exército em seu legítimo papel.

A restauração do quadro de Amansenses não é mais possível. Entretanto a criação de um quadro de Sargentos profissionaes, seleccionados, já não mais admite discussão.

Um sargento, depois de cinco annos de serviço arregimentado (maximé os de

arma montada), tendo mais de trinta annos de idade, não podendo mais concorrer ao officialato, poderia, e só neste caso, candidatar-se ao quadro de profissionaes.

A Marinha de Guerra, bem administrada como tem sido, de há muito instituiu os Sub-officiaes.

A profissão de sargento exige conhecimentos especiaes, e um bom sargento é obra de si mesmo. Há cousas na vida militar que, como bem disse Camões: «não se aprende, senhor, na fantasia»

— «Sonhando, imaginando ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando...»

A pratica do Serviço Militar, conhecimentos geraes, abrangendo Administração e Legislação Militar, Topographia, Regulamento de Campanha, Português, Calligraphia, Desenho linear, Dactylographia, História, Geographia e Arithmética, deverão constituir o programma de concurso para o acesso á «profissão de Sargento».

O Sargento profissional deverá receber instrucção especial de equitação, tiro e automobilismo.

Pensamos que só assim teremos um Exército apparelhado para auxiliar o official a vencer na guerra.

Mas, é preciso, acima de tudo, seleccionar os candidatos.

E esta selecção não se deverá restringir ao estudo de uma certidão de assentamentos, porque julgar com elevação uma «folha de serviço» é cousa muito difícil.

A selecção deve visar o lado moral, a antiguidade de praça e de promoção e também a arma em que o candidato serviu.

O sargento de infantaria comparado com os demais, deverá ter menor número de prisões, em face do serviço que lhe é afecto.

Um ponto importante a se estudar é o de não se admittir candidatos que façam do quadro um ponto de transi-

ção, como acontece hoje com o de auxiliares de escrita.

Todo sargento que pretende estudar, procura, muito naturalmente, esse quadro, por lhe ser o mais cômmodo.

Perguntamos:

Quem mais tira proveito disso, o Exército ou o individuo?

Fica, pois, demonstrado este inconveniente da transição num quadro profissional.

Este phénomeno, aliás, é notado em todos os quadros de transição. E' o que acontece com os actuaes officiaes de Administração, que só pensam na sua formação como futuros Intendentes de Guerra.

De quem a culpa?

Pensamos que os quadros transitórios são nocivos á formação dos Exércitos regulares, mas não queremos dizer com isto que devemos circumscrever o official a um posto de capitão se elle pode ir muito além.

Voltando ao caso do Sargento, o phénomeno se manifesta por outro processo: Ao contrário do official, o *sargento profissional* penetrou o quadro porque nelle encontrou o *fim* e não o princípio da sua carreira militar.

E' preciso, portanto, deixá-lo permanecer nas funcções pelo maior prazo possível, até attingirmos o ideal da especialização.

As transferências devem ser restritas aos casos de saúde e incompatibilidade disciplinar.

As promoções dos Sargentos profissionaes devem também ser reguladas de modo a afastar o nocivo «*pistolão*» tão em voga sempre.

— A êstes *Sargentos profissionaes* seriam dadas regalias especiaes: *Vestirem-se á paisana fóra do quartel e do serviço*, servirem independente de engajamento até se reformarem como segundos tenentes e perceberem uma diária de 5\$000 correspondente ao aluguel de casa, porque, servindo nos Estabelecimentos Militares, o Sargento profissional não teria quartel.

Finalmente, para fechar a porta, um dispositivo prohibindo as equiparações, constituiria a ultima integrante do problema em equação.

Que venham, pois, com qualquer nome, os nossos dedicados auxiliares afim de resolvemos definitivamente a parte operária do administrador Militar.

Novo rumo ao serviço de recrutamento

A presença de um official da activa, judiciosamente escolhido para dirigir o serviço da 1.^a Circunscrição de Recrutamento nesta capital, começa a dar todos os frutos no sentido da moralização do serviço.

Conhecedor profundo das necessidades prementes do serviço de recrutamento aquelle official, de concerto com o Ministerio da Guerra e o Ministerio da Justiça, vai atacando com energia consciente, e por isso mesmo serena e efficaz, todos os pontos fracos do funcionamento daquelle serviço.

Que se não fira a modestia de tão operoso camarada. Não pretendemos alardear os seus meritos. Isso não se conformaria nem com os nossos moldes nem com o feitio do seu caracter.

Apenas desejamos frizar as vantagens que adviriam se á testa dos órgãos essenciaes do serviço de recrutamento se collocassem officiaes capazes, desses de

não estão contando tempo para a reforma, dos que até o ultimo limite de suas forças creem no Exercito do Brasil tal como deve ser e trabalham sem desânimo pela realização desse sonho.

De há muito defendemos esse ponto de vista, principalmente depois que aceitamos a panacea dos corpos sem efectivo, que para nós só tem manifestado seus inconvenientes e nenhuma de suas vantagens.

Agora é opportuno insistir, tanto mais que estamos convencidos de que se está fazendo aqui a experiência de novos methodos e processos para depois generalizá-los.

Seja como fôr esse é outro ponto de fixação para a obra que se inicia e á qual devemos todos emprestar o maxímo de apoio — sem alistamento militar perfeito e sem perfeito mecanismo de incorporação continuaremos como sempre, livrescos, apenas livrescos.

Volteando o R. E. C. I.

Pelo Cap. Isaltino Pinho

Cumulando na intenção geral de nacionalizar o nosso regulamento, saná-lo do empirismo, dando-lhe feição compatível com a natureza do cenário das operações, venho trazer apagados subsídios.

Bem curta é a these escolhida: a progressão em si.

**

A nossa base de partida para o ataque dista 800 metros do inimigo.

A vanguarda completou a reacção esperada transformando o contorno apparente em verdadeiro contorno.

Faltam 15 minutos para a hora H do ataque. O nosso dispositivo de partida não aglutinou os diversos escalões na base de partida. Os nossos escalões poderão de per si transpor a base e seguir á distancia vantajosa o escalão de combate, o que é assaz conveniente afim de conservar, de principio, o necessário afastamento dos escalões ao curso da progressão, em vista das missões distintas quais cabem originariamente.

A hora H. chega. Aproveitando os fogos de preparação da nossa A. emergimos da coberta na effectivação do desembocamento. E a nossa progressão se revela célebre, mercê da surpresa alcançada sobre o inimigo.

Passado êsse momento, ao cabo de quatro minutos, as fracções adversárias se reconstituem e o seu fogo se manifesta cada vez mais nutrido, agora que nos achamos a 500 metros de suas linhas.

Infelizmente não é mais possível localizar para a A. de apoio directo os ninhos de resistência que se revelaram e nos entravam o avanço.

A minha companhia que irrompeu da base com dois pelotões em 1º escalão viu-se na contingência de empregar o Pel. de reserva, no intuito de adquirir superioridade de fogo — condição primária do movimento. Mas o aumento de densidade de F. M. na primeira linha não determinou um domínio sensível do fogo a ponto de facultar novos lances.

O Cmt. Cia. informou a situação ao Cmt. Btl., sem que, desta vez, obtivesse um reforço de qualquer natureza, pois a única sec. Pte. Acp. que existia no Btl. já estava empenhada em benefício de outra sub-unidade.

A nossa companhia está detida, irremedavelmente, pelos F. M. inimigos. E a primeira incumbência do Capitão é levá-la para a frente. No entanto, não lhe deram o elemento criado para a destruição das armas automáticas.

A Cia. vai enfrentar metralhadoras, mas sem o órgão capaz de as aniquilar.

Esta impotência é intrínseca da actual organização da Infantaria Brasileira.

Não há negar-se o defeito: faltam-lhe órgãos executores da progressão.

Tendo que sobrepujar a um inimigo que se jacta de bem apparelhado materialmente, ella se entibia de tentáculos precipuos para a escala da bom êxito.

Porque é evidente: decorridos os quatro primeiros minutos da preparação do ataque pelos fogos de A., a infantaria tem de se bastar a si mesma, ante o inimigo reconstituído dos primeiros abalos. E tendo que enfrentar Mtr., urge distrui-las com o órgão especializado.

A progressão da nossa infantaria está baseada na supremacia do fogo pelo aumento do numero de F. M., de maneira a realizar a maior densidade de armas automáticas sobre o inimigo, numa certa zona — o que é insuficiente. Em que ponto essa densidade dará aso á progressão? Não parece mais consentâneo á economia de forças, basear a progressão n'uma acção conjunta — o F. M. para revelar as armas automáticas inimigas e fixá-las; o C. 37 explorando esse efeito com o destruir essas armas automáticas?

Percebo o C. 37 orgânico da Cia. durante o combate. E só por facilidade de instrução e administração integrado na Cia. Mixta. Sempre que om contornamento se tornar impraticável e isso será frequente, só o C. 37 poderá promover a retomada da progressão, extinguindo os ninhos de resistência.

Nas picadas de addução a Porto Mendes, elle se nacionalizou intensamente, na confiança que inspirava á tropa pelos resultados comprovados e no adaptar-se á agrestia da luta serraneja.

Verificada que foi esta falha do material de combate na Cia., falha que incide no aniquilamento da missão precípua da Infantaria — progredir, isto é, conquistar o terreno, característico fundamental da vitória, examinemos a questão sob outro aspecto.

E' inutil que os regulamentos brasileiro e francês proclamem dono do fogo o Cmt. Btl. dando-lhe nas mãos a coordenação total dos elementos.

Essa superintendência do fogo ao cargo do Major e na forma que estabelece o regulamento é impossível prática e materialmente.

Não precisamos fantasiar situações para comprová-lo: basta ler, como synthese de farta documentação que poderia ser levantada, o caso concreto de La Selve em sua página 28...

Um Cmt. Btl. com todas as qualidades de Chefe, em competência e bravura só tem conhecimento de que as 5.^a e 6.^a Cias. se aposaram do objectivo, depois que estas lhe informam do ocorrido.

Está patente: o Cmt. Btl. não pode sobressair a todas as combinações do fogo de suas sub-unidades, mórmemente no interior destas.

A compartimentação do terreno e o aspecto coberto que este apresenta pela vegetação ou edificação, impedem-lhe a assistência contínua.

No Brasil mais que na França. O que eu desejava era o escalonar a coordenação pelo fogo. Já que a Cia. tem de ser suficiente a si mesma, que se lhe dê o armamento completo em vista da progressão.

Como subdividir o trabalho da coordenação pelo fogo?

Notemos que o Cmt. Btl. comanda o deslocamento do fogo de uma linha á outra do terreno; mas o fogo que executa a marcha, vencendo os ninhos de resistência encontrados no espaço entre essas duas linhas é comandado pelo Capitão.

Portanto esse oficial precisa ter em mão os elementos que podem reduzir os ninhos de resistência. O Capitão coordena o fogo que marcha e o Major, o fogo que se desloca. São duas missões essencialmente distintas. Um vai conduzindo a onda de fogo, palmo a palmo sobre o terreno; o outro vai dirigindo e apoioando esta realização com o combinar os outros meios de fogo de que elle dispõe. — Como?

Assegurando a continuidade do fogo na frente do Btl. por combinar o mecanismo de progressão das Cias. e actuação do Pel. Mtr. L.; regrando a mudança de objectivo dos Stokes; promovendo com acerto os pedidos ao Grupo de apoio directo na hierarchia das necessidades.

A acção do Capitão restringe-se á peripheria do contorno inimigo; pode o Cmt. Btl. ingressar-lhe o dispositivo com os órgãos de fogo de maior alcance a seu dispor ou a seu reclamo.

As atribuições de missões sobre mecanismo devem ser específicas e concordes ao fim da progressão.

As cambiantes de fogos estabelecidas no regulamento não destacam o grau do Capitão. Vejamos: O cmt. G. C. comanda esquadras e atiradores isolados; o Tenente comanda G. C. ou grupamentos de G. C.; o Capitão comanda tambem G. C. ou grupamento de G. C.

Um comando superior tem sempre meios de apoiar a acção do inferior com elementos de novo gênero; assim é em todos os escalões da força armada, desde o cabo ao Cmt. Ex. Surge o Capitão como excepção única, por falha do sistema.

Do ponto de vista da manutenção do terreno conquistado o intuito de dotar-se a Cia com um C. 37 se me afigura bem previdente.

Confessemos que foi muito theórica a criação de um Btl. de 4 Cias. ordinarias com um só C. 37. Porque — ou elle se presta ao fim assinalado ou não se presta; no 1º caso deve ser bastante, no 2º caso prescreve-se.

Actualmente o problema do C. 37 está assim colocado: dificuldade de emprêgo na 1.^a

linha devido ao vulto que apresenta; dificuldade de atirar por cima das tropas amigas devido á tensão da trajectória.

O primeiro defeito é mais do reparo.

A mecânica moderna pode reduzi-lo a um mínimo, tornando movediço o escudo e construindo um leito desmontável que será conduzido, em suas subdivisões, pelos serventes.

Um canhão de Infantaria deve permitir o seu transporte sobre o solo por acção de combatentes que se movam em marcha rastejante.

Quanto ao segundo inconveniente dizemo-lo: um canhão de infantaria tem que fazer tiros directos e abster-se da technica prolixia do tiro indirecto.

As qualidades de precisão do C. 37 são tão estimáveis que é impossível o alija-las sem a convicção de um grande prejuizo.

Esse caso presente da França em querer attribuir á sua Infantaria um pequeno canhão 50 ou 60, de tiro curvo, pode ser uma solução para o seu caso de enfrentar carros de assalto, inimigo soterrado, de poder utilizar planos directores e agir em campos de batalha mais descobertos e mais livres que os nossos.

Para a Infantaria Brasileira não o é.

O C. 37 naturalizou-se sob o Cruzeiro e por isso requer o seu transporte em cargueiro e como reparo um leito simples e articulado.

Hoje o emprêgo do morteiro Stokes em unidade não é recommendedo.

**

Outra cousa. Por que três pelotões na Cia. em vez de quatro como no modelar Ex. Francês? De que se trata? — A necessidade mais dominante neste caso é assegurar sempre ao Capitão uma reserva disponível e em condições de manobrar. Por isso quatro Pelotões de três grupos melhor que três de quatro grupos, de cuja organização resulta também a vantagem de centralizar com o Capitão a dosagem dos G. C. em 1^a linha.

**

Essa reacção mútua do dynamismo com a organização e dotação material, em vista da finalidade — progredir — parece-me o caminho mais seguro que vai dar ás razões básicas da nossa Infantaria.

Gen. Serrigny O chefe, depois de escolhidos seus subordinados directos, deve confiar nelles. Sem duvida cabe-lhe o direito e o dever de controla-los, mas que o faça elle mesmo e sobretudo que não o estenda a todos os escalões. Semelhante methodo só é admissivel no caso de falta absoluta de confiança; ora na guerra a confiança deve reinar e se não existe urge entrar no regime das substituições.

Se a *superposição dos controlos* conduz á injustiça, a *centralisaçao*, que procede do mesmo modo da falta de confiança, conduz ao absurdo.

Commandar é saber, ao mesmo tempo que *coordenar* as vontades, *descentralizar* os esforços.

O novo Canhão de montanha de 75 mm. C/18,6 Schneider, Modelo 1919.

Pelo Cap. Maximiliano Fernandes:

I.

Estudo balístico para adopção de uma pólvora nacional para o mesmo.

Na pesquisa de uma pólvora para carga de projecção em uma arma, já construída e com munição adoptada, é necessário estudo bem acurado para fixação de outra (pólvora), em condições de atirar com a mesma tabella de tiro que acompanhou o material.

Esse estudo pode ser orientado pelo método experimental de Heydenreich que fornecerá elementos preciosos para a pesquisa de um outro tipo de pólvora.

Assim, vejamos a marcha desse método de Heydenreich:

Da equação:

$$P_m \cdot S \cdot L = \frac{1}{2} g (p - \frac{c}{2}) V_o^2, \text{ em que}$$

P_m , representa a pressão media em K ou atm.

S , representa a secção recta do projectil em cm^2 .

L , representa o comprimento da alma em m.

p , representa o peso do projectil em K.

c , representa a carga de projecção em K.

V_o , representa a velocidade inicial em m/s.,

— são deduzidas as relações seguintes (com aplicação ao nosso canhão de montanha 75 C/18,6 Schneider, modelo 1919):

DADOS	$\left\{ \begin{array}{l} p = 6,200 \\ c = 0,440 \\ v = 430 \text{ m/s.} \\ s = 44,44,1785 \\ L = 1,60 \\ g = 9,787 \text{ (gravidade no Rio de Janeiro)} \end{array} \right.$
-------	--

Pressão media:

$$P_m = \frac{(p - \frac{c}{2}) V_o^2}{2g \cdot S \cdot L \cdot x \cdot 1,0333} =$$

$$= \frac{(6,200 + 0,220) \cdot 430^2}{2,9,787,44,1785 \cdot 1,60 \cdot 1,0333} = 823 \text{ atm.}$$

RELAÇÃO DAS PRESSÕES

$$e = \frac{P_m}{P_{\max}} = \frac{823}{1900} = 0,433$$

Tempo médio de percurso do projectil na alma do canhão:

$$T_m = \frac{2 \cdot L}{V_o} = \frac{2,160}{430} = 0,00744 \text{ (segundos).}$$

Esse tempo médio é considerado em relação ao percurso do projectil na alma (L) sob a pressão média constante (P_m).

Assim, o movimento será uniformemente acelerado.

$$e = \frac{1}{2} jt^2$$

e a velocidade desse movimento

$$v = jt$$

Fazendo as devidas substituições e tirando o valor de t , temos:

$$t = \frac{2}{v}$$

Considerando agora o caso em apreço, vemos que em vez do espaço percorrido (e) virá o comprimento da alma do canhão (L), do mesmo modo que a velocidade (v) será substituída por V_o .

Assim surgirá a formula acima:

$$T_m = 2 \cdot \frac{L}{V_o}$$

Com o valor já encontrado de $e = 0,433$, procuraremos na «tabella 1» de Heydenreich (por interpolação), as funções seguintes:

$$\begin{aligned} A(e) &= 0,0848 \\ B(e) &= 0,421 \\ C(e) &= 0,394 \\ D(e) &= 0,399 \\ E(e) &= 0,982 \end{aligned}$$

Com os valores das funções acima calculados, podemos deduzir as questões desejadas para o nosso estudo.

Vejamos, pois, a localização da pressão máxima, determinada na câmara de explosão do canhão pela abscissa r , que representa: (Vide graphico)

Percurso do projectil até o ponto da pressão máxima:

$$r = L \cdot A(e) = 1,60 \cdot 0,0848 = 0,1353$$

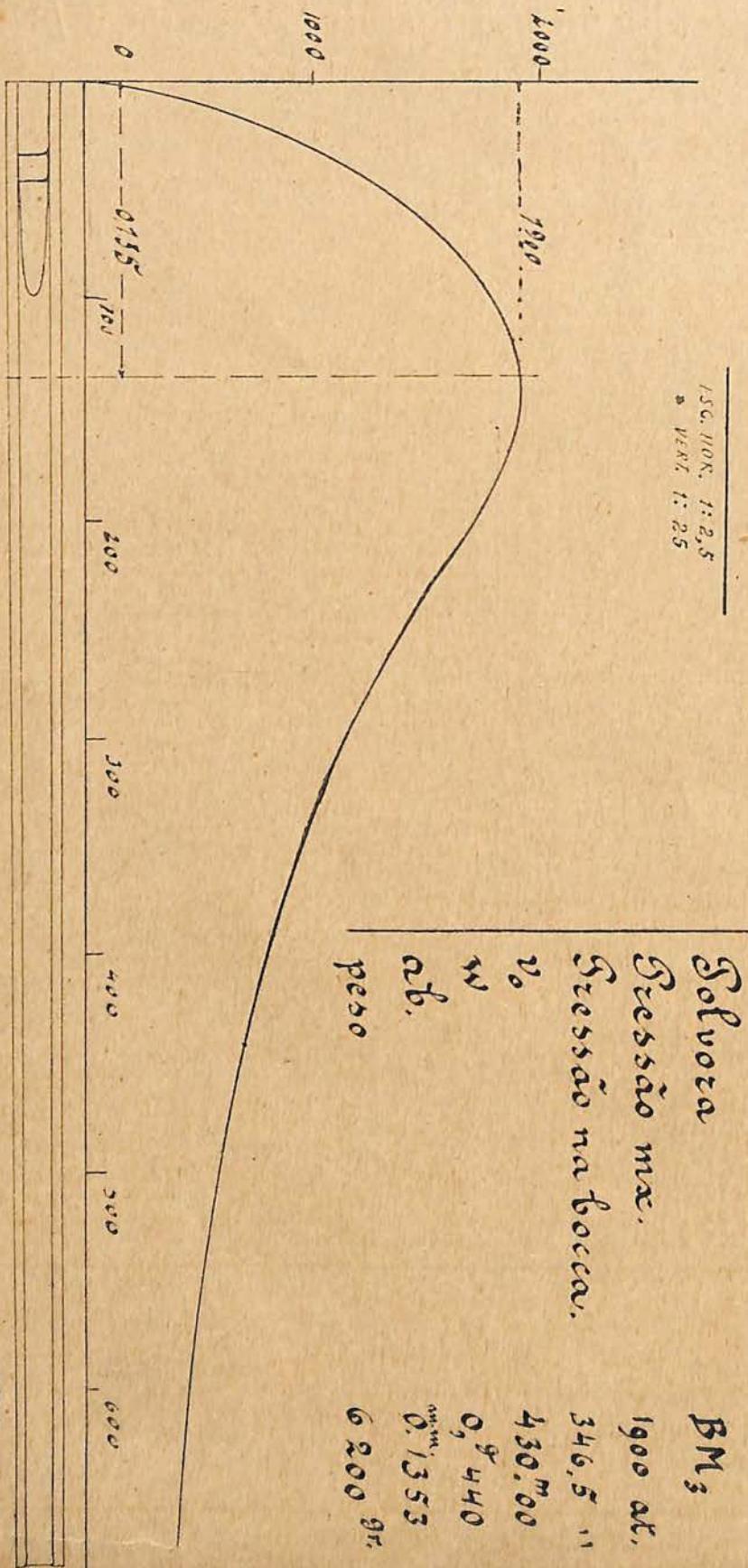
Deduzimos mais:

- Tempo correspondente à pressão máxima:
 $d = T_m \cdot D(e) = 0,00744 \cdot 0,399 = 0,0013$ (segundos)
- Velocidade do projectil no ponto da pressão máxima:
 $B = V_o \cdot C(e) = 430 \cdot 0,394 = 169,42 \text{ m.}$
- Pressão na boca do canhão:
 $F_a = B(e) = 823 \cdot 0,421 = 346,5 \text{ atm.}$
- Tempo do percurso, total, do projectil na alma:
 $t_a = T_m \cdot E(e) = 0,00744 \cdot 0,982 = 0,00760$ (segundos)

Emprego dos mesmos projectis nesse canhão de Montanha e no de campanha, (o que já foi estudado pela comissão de Experiências do Material de Artilharia).

Graphico da

Curva da pressão maxima do canhão de montanha, 75 mm C//8,6 Schneider. III. 1919



Vejamos agora o caso da possibilidade do canhão de campanha 75 Schneider (1) atirar com um dos projéctis (granada explosiva 1914) do canhão de montanha 75 mm. C/18,6 Schneider, modelo 1919 brasileiro.

Assim, consideremos para solução do caso, que estudamos o tubo do canhão de campanha acima mencionado, ficando tudo mais inalterável.

Para isso temos que calcular inicialmente o coefficiente de expansão:

$$\lambda = \frac{L}{r},$$

correspondente ao comprimento da parte raiada desse canhão.

$$\lambda = \frac{L}{r} = \frac{22266}{0.1353} = 16,46.$$

Entrando com este valor de λ na «taboa II» de Heydenreich, encontramos (por interpolação) as funções seguintes:

$$M(\lambda) = 0,354$$

$$N(\lambda) = 0,140$$

$$Q(\lambda) = 2,713$$

$$R(\lambda) = 2,941$$

Dos valores dessas funções deduzimos os dados seguintes para o canhão acima referido (75 C/36 Schneider) (1)

a) Velocidade inicial:

$$V_0 = B.Q = 169,42.2,713 = 460 \text{ m/s}$$

b) Pressão na boca:

$$P_a = P_{\max}.N = 1900.0,140 = 266 \text{ atm.}$$

c) Tempo de percurso do projéctil na alma:

$$t_a = d.R = 0,003.2,941 = 0,0088 \text{ (segundos)}$$

d) Pressão média constante:

$$P_m = P_{\max}.M \lambda = 673 \text{ atm.}$$

São estas, pois, as características para o emprego da granada explosiva 1917, do canhão de montanha Schneider, no de campanha do mesmo sistema, já estudado para ser adoptado em nosso Exército.

Do estudo que acabamos de fazer somos levados às considerações seguintes:

a) que a relação $e = 0,433$, indica que a pólvora francesa BM₃, destinada ao canhão de montanha 75 C/18,6 modelo 1919, tem um forte

índice de vivacidade, por isso que fica enquadrada nas especificações de Heydenreich. (1)

b) que o novo tipo de pólvora nacional deve apresentar as mesmas características físicas, químicas e balísticas que a francesa BM₃, afim de que não haja discrepancia da tabella de tiro que acompanhou o canhão de montanha.

**

Relativamente á segunda parte, concernente ao emprêgo do mesmo projéctil (elemento granada explosiva 1917) no canhão de campanha, e montanha, com ou sem variação da carga de projecção para o canhão de campanha, afim de que tenha as velocidades iniciais requeridas para a técnica e tática deste material, surgirão as vantagens seguintes:

a) maior mobilidade da artilharia de campanha pelo menor peso a transportar nas viaturas, de projéctis de 6k. 200 em vez de 7k.

b) maior rendimento industrial no fabrico da munição destinada aos dois canhões em apreço.

Convém mais considerar que a velocidade inicial de 460 m/s, calculada com essa granada explosiva (1917) para o canhão de campanha (1) é perfeitamente comparável com a consignada na tabella destinada ao canhão de 75 T.R. L/36 «Saint Chamond» — Modelo Brasileiro de 1920.

Assim, pelas considerações que acabamos de expender, vemos que tudo isso poderá concorrer para uma simplificação de ordem técnica, relativamente ao emprego dos mesmos projéctis, espoletas e pólvora, para as duas espécies de artilharia — de montanha e campanha.

Opportuno ainda é lembrar que, mesmo nessa conformidade de ideias, não devemos esquecer os estudos recentes feitos no «Centro de Estudos Tácticos de Artilharia em Metz» — no sentido do emprego de projéctis especiais para artilharia, que são os fumigénios, etc. e, bem assim, os destinados aos carros de combate.

Como fecho de tudo que fica por nós delineado, não podemos silenciar os aplausos pelos magníficos característicos de que é dotado o material de montanha que está sendo distribuído ao Exército.

(1) Experimentado pela C.E.A. em 1921—1922. Relatório.

(1) Pólvora viva: $e = 0,30 - 0,45$

Pólvora de vivacidade média: $e = 0,45 - 0,60$

Pólvora progressiva: $e = 0,60 - 0,75$

Vide também Kast — Spreng- und Zündstoff, página 41. — 1921.

(1) Já estudado pela C.E. de Artilharia.

Le Bon

Muitos dos fenômenos sociais possuem um ponto crítico comparável ao de certos fenômenos físicos. Na vizinhança deste ponto, fracas influências podem determinar mudanças enormes como a paz e a guerra, por exemplo. A origem das guerras de 1870 e 1914 verifica essa observação.

Tactica na carta

Themas de Infantaria

Estado de um incidente na segunda situação particular (1)

pelo Cap. Dermeval Peixoto.

Situação geral — A D. I. Verde marcha para o inimigo na direcção de DEODORO, e sua Vg. composta de:

- 1 R. I.
- 1 G. A. Mth.
- 2 G. A. M.

tem por missão tomar posse, antes do anoitecer, da saída E. do desfiladeiro do BANGÚ.

SITUAÇÃO PARTICULAR. — Essa Vg. marcha com dois BTLS. em 1.º Escalão, largamente abertos, e tendo como eixos de marcha, um a estrada BANGÚ-DEODORO, o outro a estrada que passa ao S. da SERRA DO QUITUNGO, em direcção á CANCELLA PRETA. Uma Bia. de Mth. acompanha cada Btl.

Supponhamos que:

«Ao chegar a região de BANGÚ o Btl. da direita, recebe tiros bastantes densos de Mtrs. inimigas installadas nas orlas O. de BANGÚ e no M. de S. BENTO. As suas CIAS. de 1.º escalão ficaram detidas deante dessa resistencia».

TRABALHOS:

- I — Indicar num calculo a situação da Vg. no momento considerado.
- II — Providencias tomadas pelo comt. do Btl. da direita e ordens dadas por elle á Bia. de Mth. de que dispõe.
- III — Ordens dadas pelo comt. do R. I. ao Btl. reservado. Pedidos feitos por este á Artilharia (20 linhas).

Justificar este ultimo item da 3.ª parte, mostrando especialmente, qual é, nesse momento, a situação da artilharia quaeas as suas possibilidades e como está ligada com a infataria.

SOLUÇÃO DO TRABALHO SOBRE A TOMADA DE CONTACTO

I — O CALCO

Era essa a parte do trabalho que necessitava a maior reflexão, porque, afim de collocar judiciosamente todos os ele-

mentos da Vg. seria preciso tomar em consideração:

- 1.º) — A missão de cada um delles,
- 2.º) — O dispositivo de cada um delles, em função de sua missão,
- 3.º) — as repercussões das manifestações do inimigo sobre esse dispositivo.

A missão e o dispositivo da Vg. são de um modo geral, conhecidos pelos dados geraes a missão, o dispositivo e a situação de cada unidade subordinada, (Btl. G. etc.) no momento considerado.

Esse calco não comportaria dificuldades particulares, desde de que se lembrassem dos principios geraes da *marcha de aproximação*.

a) Infantaria largamente articulada e escalonada, isto é, pouca infantaria numa grande frente, em 1.º escalão.

b) Artilharia progredindo por lances, tendo sempre uma parte prompta para abrir fogo e apoiar a Infantaria.

c) A continuidade do movimento e a ordem asseguradas por meio das seguintes indicações, dadas a cada unidade, a saber:

ponto de direcção afastado;
linhas sucessivas do terreno a atingir.

Nunca perder de vista que essas linhas do terreno, que se trata de attin-gir, são diferentes para cada escalão de commando.

O Gen. da D. I. indicará linhas afastadas, escolhidas em função da necessidade de assegurar a acção em commun, eventual, da Artilharia e da Infantaria, e o movimento conjugado da Vg. e do grosso.

Já um Cmt. de R. I. indicará linhas mais aproximadas em função da necessidade de assegurar a ligação entre os seus Btls.

Um cmt. de Btl. indicará linhas relativamente pouco afastadas umas das outras, em função da necessidade de manter a possibilidade de commandar a sua unidade.

(*) Vide *A Defesa Nacional* n.º 159.

No caso considerado podemos admitir que:

o Cmt. da Vg. indicou como linhas de terreno a attingir:

- 1.^a) — a saída E. do desfiladeiro entre a SERRA do QUITONGO e as alturas ao S. da ESTRADA REAL;
- 2.^a) — as primeiras alturas a E. de Gericinó (Mte. ALEGRE, Faz. do ENG. NOVO).

o Cmt. do Btl. da direita, por exemplo indicou:

- 1.^a) — Vertentes S. do M.^o do RETIRO — cota 60-0, de BANGÚ;
- 2.^a) — M.^o S. BENTO — Saída O. de BANGÚ;
- 3.^a) — VILLA NOVA — Saída O. de REALENGO;
- 4.^a) — Mte. ALEGRE m.^o do CAPÃO.

Esse processo permitirá que:

a) Cada unidade subordinada programada por sua conta entre duas linhas successivas, sem a preocupação do alinhamento com as vizinhas;

b) O chefe tenha a certeza que, em cada linha, sua unidade será de novo posta em ordem, as ligações asseguradas (deveres do chefe em todas as paradas).

II — PROVIDENCIAS TOMADAS PELO CMT. DO BTL. DA DIR.

ORDENS DADAS A BIA. DE MTH.

Qual é a missão do Btl.? Attingir, no grado o inimigo, a frente Mte. ALEGRE — M.^o do CAPÃO, e, antes de tudo, ao menos, a linha mais proximá que indicou as suas Cias. M.^o S. BENTO — Saída E. de BANGÚ.

De que se trata? De suprimir as resistencias que impedem ao Btl. de attingir essa linha.

Como? Pelo contornamento, e se fôr preciso, pelo ataque.

Podem as Cias. de 1.^o escalão, que têm por objectivo, uma BANGÚ a outra M.^o S. BENTO, conseguir com seus proprios meios esse resultado?

E' provável que não (terreno muito coberto; dificuldade para as duas Cias. de ficar em ligação).

CONCLUSÃO. — Deixando as Cias. agir, será preciso, pelo menos, muito tempo para reduzir as resistencias inimi-

gas, porque não dispõem de effectivos e de meios de fogo sufficientes para:

- 1.^o) — contrabater as armas automaticas inimigas;
- 2.^o) — manobrá-las pelo contornamento sem perder a ligação.

Isso resulta unicamente da natureza coberta do terreno na região de BANGÚ.

Por consequencia, o cmt. do Btl. resolveu:

- 1.^o) — aumentar os seus meios de fogo (emprego da Mtr. L.);
- 2.^o) — aumentar os effectivos em 1.^o escalão (uma 3.^a Cia. entre ás 1.^{as}).

No que concerne á Bia. de Mth., elle vai empregá-la tambem (ou, pelo menos, pôr essa Bia. em situação de agir) contra as armas automaticas inimigas. De que lado? De BANGÚ? Não. Seria impossivel, em uma região tão coberta, localizar os objectivos de um modo sufficiente.

No M.^o S. BENTO? Sim. Dos observatorios do M.^o do RETIRO a Bia. de Mth. pode agir com boas vistas contra armas automaticas inimigas.

As ordens dadas pelo Cmt. do Btl. podem resumir-se assim:

- 1.^o) — 3.^a Cia. — eixo geral — a linha de tiro, entre M.^o S. BENTO e BANGÚ;
linha a attingir: sem modificação missão — contornar pelo N. as resistencias de BANGÚ e manter a ligação entre as 1.^a e 2.^a Cias.
- 2.^o) — Pel. Mtr. L. — tomar posição nas alturas S. E. do M.^o do RETIRO com a missão:
 - a) apoiar pelo fogo a Cia. da esquerda;
 - b) eventualmente, no caso de um contra-ataque inimigo partido de BANGÚ, impedir a sua progressão;
- 3.^o) — BIA. de MTH: — a) tomar posição na planice, ao pé do M.^o do RETIRO, com a missão de apoiar a Cia. da esquerda no ataque do M.^o de S. BENTO.
b) Preparar o tiro e aguardar ordens.
- 4.^o) — CIA. de RESERVA — parando nos bosques ao N. da ESTRADA DE FERRO ficar prompta:
 - a) quer para prolongar pelo N. a Cia. da Esq.

b) quer para reforçar a 3.^a Cia.
c) emfim o Cmt. do Btl. dá parte dos acontecimentos e das providencias que tomou ao Cmt. do R. I.

NÃO FARÁ NENHUM PEDIDO nem de reforços (tem ainda meios disponiveis) nem de apoio de artilharia.

Em principio, a Infantaria deve, com os seus proprios recursos, vencer as primeiras resistencias encontradas, até que se trate de uma linha de fogos forte continua e de todo intransponivel.

**

III — PROVIDENCIAS DO CMT. DO 4.^o R. I.

Admittamos que não recebeu ainda qualquer informação de que o Btl. da esq. tenha encontrado tambem as primeiras resistencias.

De que se trata para elle? De progredir até a linha indicada pelo Cmt. da Vg.

O Btl. da dir. encontra resistencias, o da esq. parece não tê-las encontrado até agora.

Onde orientará sua reserva?

Provavelmente para apoiar o progresso do Btl. da esq., e eventualmente para fechar a brecha entre esse Btl. que progride e o da dir. detido.

CONCLUSÃO. — Orientará o Btl. de reserva de modo que esteja em situação, quer de seguir o itinerario do da esq. quer de marchar pelo pé do M.^o do RETIRO, em função das informações recebidas do mesmo Btl., que deverá pedir logo, se não recebê-las dentro de alguns minutos.

Empregará a Cia. Mtr. P.? Sim. Ella ficará disponivel, mesmo quando em posição e é uma medida de precaução pensar, desde já, em empregá-la.

CONCLUSÃO — DIRIGIR essa Cia. para o M.^o do RETIRO, onde já o seu cmt. deve estar fazendo reconhecimentos, em vista de um apoio eventual á Infantaria entre M.^o S. BENTO e COL. da TORRE.

Deve-se fazer pedidos de tiro á Artilharia?

Certamente não. Nenhuma necessidade actual de intervenção da Artilharia de apoio, tanto mais que não foi jul-

gada necessaria até agora a acção da Artilharia de acompanhamento.

Isso porem, não significa que o Cmt. do R. I. não se preocupe com a artilharia.

Com effeito, o que pode acontecer?

- 1.^o) — As providencias tomadas foram suficientes para reduzir as resistencias inimigas — neste caso é inutil Artilharia.
- 2.^o) — O Btl. não consegue quebrar essas resistencias com seus proprios meios.
- 3.^o) — ainda mais, o inimigo tem força sufficiente para contra-atacar.

Nestes dois últimos casos será necessário a intervenção da Artilharia. —

— seja para quebrar pelo fogo as resistencias que não foi possivel contornar;

— seja para parar o contra-ataque inimigo.

Daí decorre que se não deve prever actualmente a acção da artilharia de apoio, é preciso entretanto que ella esteja em situação de agir.

O papel do Cmt. do R. I. consiste em pôr esta Artilharia de apoio ao par dos acontecimentos e indicar-lhe a forma eventual do apoio que talvez lhe pedirá.

CONCLUSÃO — O Cmt. do R. I. communica ao Cmt. do Grupo (ou melhor os da Artilharia).

Resistencias inimigas de armas automaticas se apresentam nos pomares a O. de BANGÚ e no M.^o de S. BENTO.

Procuro contorná-las e quebrá-las com os meus proprios meios e, se necessário com a Bia. de Mth.

Precisarei do apoio da artilharia:

- 1.^o) — caso seja obrigado a atacar de frente m.^o de S. BENTO, para apoiar esse ataque;
- 2.^o) — caso o inimigo tente por um contra-ataque.

— seja atropelar a Cia. que deixo isolada diante das orlas O. de BANGÚ;

— seja saíndo das orlas N. desta localidade agir no flanco do meu ataque sobre S. BENTO para quebrar pelo fogo esses contra ataques.

Até agora, não julgo precisar do apoio da Artilharia na zona de meu Btl. da esq.

IV — QUAL É A SITUAÇÃO DA ARTILHARIA?

O Cmt. da Vg. havia prescrito uma parada na saída dos desfiladeiros.

No momento em que os Btl. de 1.º escalão deixaram essa linha a Artilharia estava:

a) um grupo em situação de apoiar o movimento desses Btl. na primeira parte de sua marcha para a nova linha: Mte. ALEGRE etc. (em Bia. nos arredores do M.º dos COQUEIROS).

b) Um grupo que havia assegurado o apoio até á saída dos desfiladeiros (dos arredores de SANTISSIMO) em movimento para a região de m.º do RETIRO, de onde deverá apoiar a Infantaria até Mte. ALEGRE.

c) O grupo em Bia. pode, do obstáculo constituído pelo m.º do RETIRO, ser installado de modo a poder, agir todo, ou pelo menos com duas Bias., na zona de cada um dos BTLS. de 1.º esc.

Ligaçāo estabelecida entre o Cmt. do R. I. e o da Artilharia pelo Dest. de Ligação, caso fosse impossivel aos dois Cmts. marcharem juntos.

Pode igualmente conceber-se a organização da artilharia em dois grupos, cada um destinado ao apoio de um Btl. de 1.º esc. e deslocando-se por Bias. sucessivas.

Mas qualquer que seja a solução adoptada pelo Cmt. da Artilharia, em função das possibilidades de tiro em cada corredor, não se pode admittir neste caso, a disposição completa de um grupo de apoio a cada Btl. de 1.º esc., com ligação directa a elle.

Seria este o melhor processo de gastar munição em tiros inuteis. Essa solução só se poderá admittir caso não existisse Artilharia de acp.

O exemplo do que aconteceria se apresenta no caso do Cmt. do Btl. da dir. tendo o direito de pedir a acção de um Gr. de Artilharia, pedindo tiros para reduzir as resistencias de BANGU. Qual seria o consumo de munição? Qual o resultado?

CONCLUSÃO — Em principio, no engajamento a Artilharia (salvo a de acompanhamento) deve ficar na mão do chefe, para ser empregada somente nos casos importantes, e então com a maior intensidade possível.

A preparação systematisada de officiaes de reserva

Inicia-se este mês a preparação, systematisada de officiaes de reserva na 1.ª R. M. Chega a termo, pode dizer-se, a incansavel propaganda da ideia de aproveitarem-se as academias superiores como fontes essenciaes de officiaes de reserva.

Dois ensinamentos emergem desse facto. Antes de tudo, quanto são necessarias em nosso meio as iniciativas pela palavra, pela imprensa e pela acção. Não fosse a tempera de um só official e o problema não teria associado muitos outros camaradas em torno de sua solução e, mais que isso, não teria *chegado á maturidade em momento tão opportuno como o que passa*. Depois, revela as intenções firmes que existem para levar por deante não só a restauração do que tivemos mas, para além disso, a satisfação de nossas necessidades captaes em todos os tempos.

A ideia está vencedora. Apesar da indifferença de muitos, tornou-se official pelo apoio decisivo do Ministro da Guerra. E a mocidade das Escolas se apresenta em numero verdadeiramente animador, como excellente resposta aos nossos conhecidos displicentes.

Paginas adeante publicamos os artigos essenciaes das instruções que regulam o funcionamento do *Centro de Preparação de Officiaes de Reserva*. Nossa intenção é facilitar aos nossos camaradas de bôa vontade a tarefa de esclarecer quantos desejem informar-se sobre as condições em que se farão os cursos.

Quanto aos candidatos dos Estados, bastará dizer-lhes que muito breve chegarão por lá os effeitos dessa primeira decisão.

“SUGGESTÕES”

A MINHA SUGGESTÃO A PROPOSITO DA «REFORMA FUNDAMENTAL»

No instante presente em que se procura dar uma injecção de óleo camphorado neste nosso grande enfermo que é o Exército Nacional, julgou a «Defesa» mui acertadamente o principal ponto a atacar a lei de promoções. E' a reforma fundamental; a actual é o factor maior de nossa desagregação; pode afirmar-se é a causa inconteste da decomposição prematura do moribundo. Urge modificá-la se o queremos com vida e forte, criando normas inflexíveis ás injunções; de todos os matizes que estão matando desapiedadamente o trabalho, a inteligencia e a cultura. Em suas linhas geraes, agradou o ante-projecto formulado pela Revista; só lhe tenho ouvido encomios. Terá suas lacunas; offerecerá por certo, malhas, por onde alguns clandestinos se possam insinuar, passar avante e progredir; todavia, serão excepções que com a continuação rarearão tendendo ao desapparecimento.

Impulsionado pela firme vontade de fazer algo por nosso Exército, resvolvi enviar, magra suggestão, que, sem duvida, outro merito não terá que o de servir de ponto de partida para estudo e opinião de quem mais avisado.

Não podemos affastar, de todo, por enquanto, a promoção por antiguidade; mas se ella deve perdurar na futura lei de promoções convém expurga-la de certos defeitos. Um official, por sua classificação no almanaque logra acesso por antiguidade, desde que tenha attingido o n.º 1 do respectivo quadro; no entanto essa antiguidade, por vezes, é ficticia. Antiguidade quer dizer tempo de serviço; então devemos na questão de antiguidade levar em conta o tempo de serviço prestado apenas em *actividade no Exercito*. Mas, o official que se afasta das fileiras em virtude de comissão de carácter não militar, de aceitação de cargo electivo ou político, deverá contar o tempo que esteve em tais funções para se lhe apurar a antiguidade? Creio que não; ha pois duas antiguidades: uma absoluta, contada da data de promoção; exactamente a que vigora actualmente; outra, relativa, aquella em que só se consideram os dias de serviço *activo*; seria calculada rigorosamente descontando as licenças para tratamento de molestia não adquirida em serviço, para tratar de interesses particulares, tempo em que ocupou cargos fóra do Exercito, deserções, etc. E sommando-se-lhe o tempo dobrado (campanha).

Daí, propor eu, o seguinte, como subsidio para estudo.

Art.) As promoções por antiguidade serão feitas: metade por antiguidade absoluta, considerando a data da ultima promoção; metade, por antiguidade de tempo de serviço activo, considerando apenas o tempo em que o official serviu efectivamente no Exercito.

Como se torna necessaria a criação de fichas para apuração do merecimento, por meio d'essas fichas se calculariam os dias de serviço no posto, de cada um.

Aí vai, pois, a minha tenue suggestão destinada sómente a provocar a meditação dos que se interessam pelo soerguimento de nosso Exercito, o que equivale a dizer pelo engrandecimento de nossa Patria.

1º Tenente Frederico Trotta.

OFFICIAES PARA OS SERVIÇOS TECHNICOS

Fala-se que a actual administração da guerra vai dar solução a esta tão importante quão abandonada questão de officiaes para os serviços technicos.

Esta noticia, veio encher de esperanças aquelles que têm dedicado as suas actividades aos ramos chamados técnicos, bem como aquelles que sem nelles labutarem têm comprehendido e sentido a necessidade da formação de um corpo de officiaes, que se especialize e se encarregue com efficiencia, da parte puramente técnica da guerra.

E' desnecessario mostrar que a questão tão das especializações hoje nas actividades humanas, está universalmente reconhecida e praticada. Em qualquer dos ramos da engenharia do direito, da medicina e etc. vemos as especializações se evidenciarem cada vez mais com os seus campos de acção mais restrictos porém com real vantagem de serem melhor conhecidos por aquelles que nelles exercem suas actividades. No comércio, na industria e nas artes, igualmente as especializações são hoje em dia um facto real.

Esta imperiosa necessidade se evidenciou também na vida militar, separando as funções do exército e da marinha. No próprio exército, criaram-se as armas e os serviços e hoje, nas próprias armas e nos serviços, foram repartidas as diversas actividades especializadas.

E' curioso, porém, o que se dá com relação aos serviços técnicos, onde apesar de se terem feito sentir as necessidades de especialização e onde mais se têm evidenciado os inconvenientes desta falta, não se tenha até agora separado o seu pessoal, com o fim de torná-lo capaz de se desobrigar dos encargos que lhe dizem respeito. E' possível que as dificuldades com que separam para a formação de um quadro á parte, tenham sido as causas de nos acharmos ainda nesta absurda situação, em que vemos um official de artilharia com o curso especial de combatente, tornar-se encarrgado, e responsável portanto, pelo fabrico de pólvoras, de munições, pelas reparações de armamento e etc. Ainda mesmo com o curso técnico (antes polytécnico) não deixa de ser cômica a sua aptidão oficial para dirigir successivamente aquellas especialidades tão diferentes, e para as quaes nós vemos na

vida particular, nacional ou estrangeira pedir-se muito tempo de estudo e prática para a formação do especialista!

E' incrivel que tenhamos permanecido nesta situação até agora, quando já se têm criado outros quadros de especialistas não mais necessarios do que o de technicos. Esta necessidade imperiosa não deve porém motivar a constituição de um corpo com o titulo de especialistas técnicos sem que de facto o sejam. E' preciso um corpo de técnicos, mas formados de verdadeiros técnicos, isto é, convenientemente preparados para as diversas funções que lhes incumbem as especialidades.

Formar o quadro de técnicos, com officiaes cujo titulo de recommendation é terem servido ou servirem em funções técnicas não é razoável, porque o servir numa função não quer dizer ter aptidões para ella; formá-lo mediante concurso, é igualmente criterio falho, pela difficultade de julgamento pois faltam os examinadores com as credenciais precisas.

Dante destas difficultades, parece que o melhor criterio seria não abordar já a formação do quadro, e sim procurar uma solução transitoria que permittisse mais tarde resolver o problema definitivamente.

A solução transitoria teria em vista, fornecer a um núcleo de officiaes a somma de conhecimentos precisos ás especialidades de suas funções com as indispensaveis práticas correspondentes. Este núcleo pois, é que estaria apto para mais tarde estabelecer as bases para a formação do quadro de técnicos, não só por ter o conhecimento exacto da questão como por se achar em condições de poder julgar de acordo com o criterio fixado para o recrutamento do pessoal (concursos, escolas etc.).

Assim portanto só nos deve preocupar actualmente, a solução transitoria, pois a definitiva seria temerario resolvê-la, porque francamente não estamos na altura disso, ella é superior aos nossos conhecimentos do assumpto. Esta questão é muito complexa, e envolve problemas capitais da nossa organização militar, e portanto da segurança nacional. Achamos mais prudente resolver o problema por partes, pois assim serão menores os efeitos dos erros que por acaso se cometam. Este modo de proceder porém, não está de acordo com a mentalidade brasileira que procura resolver sempre os seus problemas em definitivo e como mais perfeita das soluções, mas que infelizmente nunca acontece.

E' commum no nosso meio militar o ser designada uma commissão para se encarregar de determinado trabalho, — a confecção de um regulamento, por exemplo — e vermos ella nos fornecer um trabalho onde só existe o que há de melhor no francês, no alemão, no americano, no inglês, no japonês etc., escoimado das partes más, portanto um trabalho óptimo, melhor que todos elles. E no entanto quão longe sai elle do óptimo, do scenario nacional.

Isto é a manifestação da nossa mentalidade que quer produzir sempre melhor que os outros. Reajamos contra essa men-

talidade, sejamos sensatos e procuremos resolver os nossos problemas modesta porém acertadamente.

Assim, seguindo esta orientação, parecemos que o governo andaria accertado se procedesse á escolha desse núcleo de officiaes entre aquelles que servem ou têm servido nos serviços técnicos tomando por critério as aptidões e conhecimentos revelados nos seus trabalhos. Este critério além de facillimo é sem dúvida alguma o mais seguro, pois os officiaes que têm inclinações para tais serviços bem como certa capacidade, tem se evidenciado e são conhecidos dos chefes e de seus pares. Não haveria portanto o perigo das escolhas desacertadas ou más.

Os serviços técnicos são os de construções, os geographicos e os industriaes e balisticos.

Os primeiros (construções) fazem excepção com relação ao critério a adoptar pois o concurso neste caso é perfeitamente praticavel. Somente pois, para os geographicos e industriaes e balisticos é que se deverá applicar o criterio ora lembrado.

Como não estejamos inteiramente a rente de todas as necessidades dos serviços geographicos, restringiremos exclusivamente aos industriaes e baslisticos a esposição da maneira por que deverá ser solucionada a especialisação dos futuros technicos.

Presentemente os nossos serviços industriaes e balisticos se resumem nos dos dois Arsenaes, Rio e Porto Alegre, das duas fábricas de pólvora, Piquete e Estrella, da Fábrica de Cartuchos do Realengo e da Directoria do Material Bélico.

Quer isto dizer que necessitaremos de especialistas para fabricação mecânica, armamento, química industrial aí comprehendida a de pólvoras e explosivos, electricidade, laboratorios physicos, químicos, mecânicos e balísticos.

Se pois para cada uma destas especialidades forem escolhidos dois officiaes ter-se-á um grupo de 12 aos quaes se irá ministrar os conhecimentos necessários para as suas respectivas formações técnicas. Surge agora a difficultade do modo pelo qual deverão elles receber os conhecimentos preciosos. Como não possuam os escolas capazes de ministrar os conhecimentos técnicos dessas especialidades, seremos forçados ou a contratar professores para o estabelecimento de escolas aqui ou a enviá-los ao estrangeiro para as escolas especiaes.

Analysemos portanto as duas soluções.

Para a instalação de escolas aqui teríamos que contratar um professor para cada uma das seguintes especialidades: resistencia dos materiaes, máquinas, metallurgia, electricidade, química, pólvoras e explosivos, balística experimental, contabilidade e organização industrial, sendo que para algumas delas mais de um.

Trazer para o Brasil homens como Sauveur, Howe, Guillet, Blodel, Lécornu, Maignon, Charpy, Le Chatelier, Chevenard e outros seria impossível a vista das difficultades.

dades invencíveis pois estes professores além de suas cadeiras as Universidades, têm cursos particulares e são consultores ou diretores técnicos de Usinas e Empresas. Possuem ainda laboratórios particulares onde os pequenos industriaes vão buscar a solução de todos os seus problemas e dificuldades técnicas encontradas em suas actividades. Não teríamos assim a vantagem de conseguir estes mestres e seríamos obrigados a os contentar com figuras secundárias.

Conseguir aqui que as nossas escolas possuam os laboratórios que possuem as Universidades Europeias ou americanas seria impossível.

Basta dizer-se que elas dispõem de instalações com tal capacidade que cada aluno tem o seu laboratório onde é obrigado a fazer todas as analyses e preparações industriais. Há trabalhos que demandam mais de um dia e que se não fôr esta capacidade seriam forçosamente prejudicados os estudos.

Conseguir igualmente que aqui após os estudos de determinados assumptos fossem elles completados com visitas e praticagens em usinas modernas e scientificamente montadas seria impossível por não as possuirmos.

Dar aos alunos que frequentassem as escolas aqui o contacto com vários professores de cada especialidade seria também impossível ficando elles pois compellidos estritamente a recorrer ao professor contratado.

O contrario porém se daria com a frequencia de escolas estrangeiras.

Nellas os alumnos teriam para cada especialidade os melhores professores, não os professores theoricos, mas os scientistas industriais, pois todos elles como dissemos são ainda profissionaes industriaes.

Os seus estudos não ficariam exclusivamente restringidos aos do professor contratado, as suas duvidas seriam desfeitas por varias opiniões.

As suas praticas de laboratórios e officinas seriam feitas individualmente porque as turmas de estudo se limitam a 15 ou 20 alumnos no máximo. Todos os recursos em pessoal e material seriam abundantemente encontrados.

Teriam ainda a vantagem de serem enquadradados em alumnos estranhos (communmente de varias nacionalidades) que representam o escol de estudantes e nada melhor para despertar estímulo, dissipar duvidas e provocar controvérsias do que este convívio.

Desta analyse sumaria resalta inequivocavelmente a vantagem de ser feita a especialização do núcleo alvitrado, no estrangeiro. Obtido assim este núcleo de futuros técnicos com real capacidade e com observações e estudos sobre as organizações tecnico-industriais estrangeiras é que, paremos, seria então lógico pensar-se em resolver a questão do quadro técnico. Proceder de modo contrario e querer exclusivamente com o elemento *indígena*, a poder de bôa vontade, resolver esta questão que desconhecemos é agir impensadamente sem medir os inconvenientes que disso podem advir.

Estamos certos porém que as diversas tentativas que têm surgido para resolver a questão do quadro técnico, têm sido feitas na melhor intenção mas nós não devemos também esquecer que o inferno está cheio de boas intenções.

E' preciso sermos francos dizermos a verdade: resolver este assumpto sem se estarmos previamente preparados para tal é obra impatriotica.

Cap. F. A.

«SOBRE O REGULAMENTO DO SERVIÇO DE REMONTA E COUDELARIAS NACIONAIS»

Folheando o R. S. R., deparamos em meio dos seus artigos, um, (o de número 46) para o qual necessitamos fazer um ligeiro comentário, pedindo vénia a quem de direito.

Diz o precipitado artigo em sua última parte — «Igualmente serão aproveitados para servir á Remonta dos trens ou dos comboios, os animaes desclassificados dos Regimentos de Artilharia.

Ora, se o animal foi desclassificado por não poder continuar na tracção de um veículo pesado, como é a nossa Artilharia, é porque está positivamente inutilizado para qualquer espécie de tracção.

Se os esforços dispendidos para arrastar um grande peso o estragou definitivamente, tornando-o um emphysematoso, conclue-se que os seus órgãos, doentes, poderão melhorar pelo repouso, porém, toda a vez que tiver de arrastar um veículo qualquer, o esforço na tracção, virá sem dúvida, evidenciar, pôr em relevo, repercutir sobre êsses órgãos apparentemente descansados, com, manifestações exteriores, seja de manqueiras bem accusadas, ou ainda pela dyspnéa de esforço.

Os animaes de que tratámos aqui, poderiam, com vantagem, ser transferidos para as invernadas, onde o serviço de campo, nestes estabelecimentos, não requer urgência, nem velocidade na encerra dos animaes, (quando necessária) podendo esta ser feita a passo ou trote lento; para a tracção é que não devem servir mais. O benefício melhor que se poderia fazer aos animaes citados, era vênde-los em hasta pública, como bem determina o artigo 49 do R. S. R., porque desclassificados para a tracção, naturalmente são portadores de moléstias graves, ou ainda de manqueiras crônicas muito accentuadas. Assim êsses animaes vendidos em leilão, iriam prestar serviços inestimáveis, fora do Exército, seja para conduzir sobre o dorso, cestos com verduras, frutas, ou ainda os conhecidos saccos de carvão vegetal, e, a sua andadura natural, neste caso, seria o passo lento e cadenciado, pelas ruas dos nossos subúrbios sob o canto desgracioso e estridente do verduleiro anunciando a sua mercadoria; aí sim, prestariam grandes serviços ao seu dono, depois de prestá-los ao Exército e de produzir determinada quantia aos cofres da Nação.

Outro ponto capital do R.S.R. é o que diz respeito ao artigo 56 «— Aforragem normal dos animaes do Exército será:

(a) — 1^a e 2^a Categoria — 6 kilos de milho e 4 kilos de alfafa.

(b) — Cavallos de tropa (Cavallaria e Artilharia a Cavallo).

(c) — 3^a Categoria; Infantaria e Metralhadoras; muares de tracção e carga, animaes de trem e de comboios — 4 kilos de milho e 3 de alfafa.

(d) — Cavallos de officiaes arregimentados de Cavallaria e Artilharia 5 kilos de milho e 4 de alfafa.

Vejamos o resultado disto tudo:

1º — Um cavallo de tracção, não pode absolutamente vencer menor ração que os de sella, e o facto explica-se claramente, porque um animal que dispõe maior quantidade de energia, cujo esforço de tracção é grande, deve forçosamente ser melhor alimentado que qualquer outro que não desempenhe esta qualidade.

Não deve também haver diferença, entre os animaes de montada de officiaes e praças, e, se levarmos em linha de conta, o peso do arreiamento, armamento etc. o cavallo da praça, deve, pelo menos, receber uma ração igual á fornecida para os de montada dos officiaes.

Por motivos ainda mais poderosos, os animaes de tracção, carga, trem, etc., devem receber maior quantidade de forragem,

e, não a prescrita no R.S.R. (4 kilos de milho e 3 kilos de alfafa).

Aos animaes de 1^a categoria (animaes de montada dos Generaes) o R.S.R. prescreve a seguinte ração: 6 kilos de milho e 4 de alfafa, o que parece á primeira vista uma ração regular, no entanto é demais, se observarmos a natureza do trabalho a desempenhar.

Estes animaes, pouco montados, ficam sem o trabalho necessário e compensador de uma tal ração, isto é, ficam superalimentados, trazendo como consequência lógica prejuízos á sua saúde.

Em determinado dia, é ordenado o trabalho de um destes animaes, parados a algum tempo, e portanto com os membros edemaciados, pela carência do precitado trabalho e a impossibilidade de se deitarem, e, longe de o beneficiar se não for feito com método, vem fatalmente prejudicá-lo, como acontece na maioria dos casos, com manifestações de congestões internas para os membros, verdadeiras podophylites difusa (Forbure) e, aí teremos então, um cavallo inutilizado por excesso de alimentação e falta de trabalho méthodico.

Conclusão: devemos ter em mente que: o valor da alimentação deve estar em relação com a natureza do esforço exigido e não com a categoria.

*Severo Barbosa
Major Veterinario*

Centro de preparação de officiaes da reserva da 1.^a Região Militar

«Art. 1º. Fica instituído na cidade do Rio de Janeiro um Centro de Preparação de Officiaes da Reserva, o qual é destinado a formar candidatos a officiaes da 2.^a classe da reserva do exército de 1.^a linha, entre os alunos e titulados das escolas superiores da Capital Federal (artigos 1º e 4º do regulamento baixado com o decreto n. 15.185, de 21 de dezembro de 1921).

Art. 2º. O centro será constituído de cursos de instrução das armas de infantaria, cavallaria e artilharia, distribuído o ensino por tres annos em periodos de quatro meses no mínimo e de modo a abranger successivamente as escolas de soldado, de graduado (cabos e sargentos) e de commandante de pelotão (secção).

§ 1º. O inicio dos trabalhos, em cada anno, coincidirá approximadamente com o do anno lectivo academico, sendo os exames relativos a cada periodo realizados de modo a se conciliarem as exigencias do curso militar com as escolares.

§ 2º. Na arma de artilharia matricular-se-hão somente os alunos ou titulados das escolas de engenharia; na de cavallaria, os alunos que já montarem a cavallo com desembarço.

Art. 3º. Os candidatos aprovados no Curso de Commandante de Pelotão (secção) receberão o respectivo certificado e serão considerados aptos para o estagio de tres meses em um corpo da respectiva arma, nas condições previstas do art. 5º do regulamento em vigor.

Art. 4º. Os alunos do Curso de Preparação não são alistados como praça, mas ficarão sujeitos aos deveres militares durante as horas consagradas á instrução.

Quando estagiarem como aspirantes a officiaes, a sua situação militar reger-se-ha pelas disposições dos arts. 5º e 6º do regulamento em vigor». (*)

(*) Os demais artigos não interessam á propaganda.

Subsidios para os quadros de reserva

Ainda sobre os Sapadores Mineiros

pelo Cap. F. S. Bandeira de Mello.

Todo trabalho de engenharia é precedido de um reconhecimento afim de aquilatar das possibilidades technicas de execução.

Quando as operações apresentarem o caracter da guerra de movimento é preciso destacar um official de engenharia, com os auxiliares indispensaveis, junto ao elemento mais avançado da columna.

O reconhecimento far-se-á, então, em duas phases:

1.º — estudo dos trabalhos mais urgentes

2.º — durante a execução destes, estudo dos trabalhos de menor importancia

Mas para que, de facto, haja rendimento no reconhecimento é indispensavel que o official encarregado conheça a situação geral e as intenções do commando que o destacou, afim de poder actuar de acordo com essas intenções.

Pode-se obter esse resultado, quer fazendo acompanhar o official de engenharia por outro de E. Maior, quer fornecendo ao engenheiro todas as indicações necessarias, procedendo-se como se costuma fazer ao enviar um official de cavallaria em descoberta.

Sem essa precaucao ver-se-á o engenheiro deixar-se absorver pelo lado tecnico da questão, com prejuizo para a solução tactica do problema.

**

Das razões aduzidas quanto ao emprego da engenharia, decorrem deveres reciprocos entre o commando e o commandante da engenharia.

Ao commando compete ordenar:

1.º — No que toca á organização do terreno:

- a escolha das posições
- a localização da parallela de resistencia
- a localização e organização dos C. R.
- a repartição dos recursos em homens e material.

Essas questões constituem todas, função de commando. Não é a um enge-

nheiro que um General Cmte. de D. I. entregará o estudo de questões tão importantes; seria abdicar de sua função.

No caso em que o General não possa fazer pessoalmente o reconhecimento, elle determinará pela carta qual sua decisão e como pretende ocupar a posição defensiva.

Se o Commandante da Engenharia é encarregado de executar a organização, deve faze-lo segundo as ordens recebidas. Seu reconhecimento do terreno, que muitas vezes será feito em companhia de um official de E. M., terá por fim adaptar ao terreno as decisões tomadas na carta. Ao engenheiro competirá estudar o lado tecnico da questão, e principalmente organizar o programma de trabalho.

2.º — Quando se trata de destruições:

- indicar o tempo disponivel para o trabalho (aproximadamente);
- a importancia a dar á destruição, se a obra deve ficar toda destruida, ou se é bastante damificá-la ligeiramente;
- as destruições accessorias (vaus, pinguellas, barcos, etc.);
- se a explosão deve se seguir imediatamente ao carregamento do fornilho ou se para faze-lo saltar deve esperar ordem especial, e neste caso quaes as autoridades competentes para ordená-lo.

E' regra geral, que uma destruição só deve ser executada mediante ordem especial do commando que a ordenou. Muitas vezes, porem, para evitar que obras d'arte importantes caíam em mãos do inimigo, devido a um atraso na transmissão da ordem, o official de engenharia deverá faze-las saltar, quando a ordem fôr dada por Commando subordinado ao primeiro, mas com a condição de que esteja ao par da situação geral.

Por exemplo, uma ponte cuja destruição foi ordenada por um commando de Exercito, pode ser destruida a vista

de ordem de um Comt. de D. I. subordinado a aquelle.

Em qualquer caso a destruição só se fará mediante ordem escrita.

**

Finalmente a engenharia será bem utilizada quando seus chefes participarem da redacção das ordens, visto que, como parte integrante dos E. Maiores, constituem o orgão encarregado das questões de trabalhos, da mesma maneira que os Commandantes de artilharia no que concerne o emprego dessa arma.

V — Os sapadores mineiros e a dotação em material de sapa dos corpos de tropa.

Unidades	N.º de sapadores mineiros das unidades	Ferr. portatil		Ferramenta de parque			Observações
		Terraplenagem	Destruíção	Terraplenagem	Destruíção	Explosivos Kgs.	
Cia. I.	4	168	46	—	—	—	a) dos quaes um é cabo
Btl. I.	9 a	702	202	195	17	—	b) dos quaes 2 sarg. e 2 cabos
R. I.	28 b	2170	643	195	17	17,5	c) cabo
Esq. C.	1 c	124	41	—	—	—	d) dos quaes 1 sarg. e 1 cabo
R. C.	6 d	512	178	100	60	16,2	e) não ha dados officiaes
Bia. A. M.	e	—	—	42	18	—	f) não ha especialistas s/m
R. A. M.		—	—	378	162	25,0	
Gr. A. Mth.	f	—	—	64	24	9,2	
Bia. A. P.		—	—	42	18	—	
R. A. P.	f	—	—	504	212	25,0	
Cia. I. P.		144	51	—	—	—	
Btl. I. P.	f	648	160	197	32	37,0	
R. I. P.		1680	384	197	32	37,0	
D. D.	—	—	—	880	168	17,5	

Este quadro sugere as seguintes considerações.

Os sapadores-mineiros da infantaria e cavallaria, fazem parte respectivamente das secções de commando e são praças que receberam instrucción especial de sapador, em um corpo de engenharia, onde foram destacados para fazer um estagio.

Quanto á artilharia não ha dados officiaes sobre se dispõe ou não de soldados especialisados en sapadores-mineiros. Todavia como o R. O. T. determina que «a organização das baterias seja feita pela artilharia», é de suppor que as unidades dessa arma disponham de homens especializados nos trabalhos de organiza-

ção, unico meio que permitte ás baterias organizar abrigos, etc.

O regimento de infantes pioneiros e o deposito-divisionario não dispõe de especialistas, é tropa que constitue verdadeira mão de obra para reforço das unidades de engenharia, e somente podem ser empregadas em trabalhos simples de terraplenagem.

**

As unidades de infantaria que contam no seu effectivo de maior numero de praças especializadas, pode, reunindo-os,

executar trabalhos de engenharia de certa monta.

E' util conhecer qual a capacidade, de uma unidade de infantaria, para executar trabalhos de organização do terreno, pontes e minas.

Organização do terreno. — A companhia de infantaria não dispõe de ferramentas de parque no T. C., de forma que quando isolada, contará somente com a ferramenta portatil para a terraplenagem.

O rendimento dessa ferramenta é muito fraco, de maneira que em regra geral ás Cias. devem recorrer ao batalhão para obter ferramentas de parque.

A viatura de ferramenta do batalhão contem somente 195 ferramentas de terraplenagem, e como uma Cia. poderá, em regra, fornecer 150 trabalhadores, consegue-se facilmente que a *viatura do batalhão é suficiente para dotar o efectivo em trabalhadores correspondentes a uma companhia e não mais.*

As quatro viaturas que um R. I. possue (3 dos Btl. e 1 do R. I.) transportam pás e picaretas em numero suficiente para dotar quatro companhias, ou um efectivo correspondente a um Btl.

E' natural perguntar, que farão no batalhão os homens que não receberem ferramenta de parque?

Executarão os demais trabalhos de organização do terreno: abrigos, rôdes de arames, desbastamento do campo de tiro etc.; obras essas que devem ser iniciadas ao mesmo tempo que se preparam os espaldões para metralhadoras e as posições dos grupos de combate.

Quanto aos abrigos é facil determinar o numero de turmas de escavação que se pode obter para sua construção e qual o numero de obras que se pode executar simultaneamente.

Uma Cia. I. com os 4 sapadores organizará 4 turmas

Um Btl. I. com os 9 sapadores organizará 8 turmas

Um R. I. com os 28 sapadores organizará 28 turmas

Cada uma dessas turmas será reforçada com um numero variavel de praças destinadas á remoção das terras, transporte do material, etc.

Nota-se desde logo que em um R. I. pode-se construir simultaneamente 24 abrigos de meio pelotão, se empregam uma turma em cada abrigo; ou 12 abrigos se empregarmos duas turmas em cada abrigo, construindo a obra simultaneamente pelas duas descidas, o que é o caso normal.

As redes e demais trabalhos a infantaria pode executar com seus proprios recursos, desde que o recebimento de material (arame, pregos, etc.), tenha sido preparado.

Pontes. — Para a construção de pinguelas de infantaria os sapadores das unidades de infantaria podem ser grupados para constituir as turmas com o efectivo exigido pelo Regulamento de Pontes de Circunstancia.

Como cada turma de construção de pinguelas deve compor-se de 20 homens obtém-se em:

Um Btl. I., grupando os sapadores das Cias. e Btl. — 1 turma

Um R. I. grupando os sapadores das Cias., Btl. e R. I. — 4 turmas

Dest'arte um R. I. pode simultaneamente construir quatro pinguelas.

Minas. — A infantaria não dispõe de explosivo em quantidade suficiente para operar destruições, a menos que sejam muito ligeiras.

**

Um regimento de cavalaria está tambem apto a executar *trabalhos de organização*, dispondo somente dos recursos de seu T. C.

A pé, o regimento corresponde a uma companhia de infantaria, *para cujo efectivo é bastante 100 ferramentas de terraplenagem que a viatura do regimento transporta*; somente alguns homens dos grupos de combate é que vão utilizar as ferramentas na construção da trincheira.

Os homens que não forem dotados de pás e picaretas, executarão as outras obras da organização.

Havendo 1 sapador em cada esquadrão e 6 no regimento, pode-se organizar duas turmas de escavação para construir abrigos.

Cada R. C. pode sempre construir um abrigo de 1/2 pelotão com seus proprios recursos.

Com respeito ás minas a dotação em explosivos do R. C. é pequena o que importa em dizer que somente executará ligeiras destruições.

**

A artilharia para construir as suas organizações deve dispôr do material e dos especialistas indispensaveis.

VI — Fornecimento pela Cia. Pq. E. D. de material aos corpos de tropa.

A Cia. Pq. E. D. «é uma verdadeira reserva e a unidade divisionaria de transporte do material de engenharia; é o verdadeiro armazem de ferramentas e material da divisão. Encarrega-se do apropriaçãoamento dos corpos de tropa da D. I., segundo as ordens que receba (por

intermedio do Commandante da Engenharia), do E. M. da D. I., ao qual as unidades endereçarão os seus pedidos. E' tambem uma reserva movel sobre rodas, que pôde seguir a divisão em todos seus deslocamentos» (Vade-mecum).

Em resumo o material da Cia. Pq. E. destina-se:

- 1.º — a substituir as perdas em material soffridas pelos corpos;
- 2.º — a ceder ás unidades da divisão o material necessario, quando se acham incumbidas de trabalhos que requerem ferramenta apropriadas ou quando o material da unidade seja insufficiente para dotar de ferramentas todas as praças incumbidas de determinada obra.

Assim, por exemplo, um R. I. não pôde, reunindo suas quatro viaturas, dotar mais que um batalhão em ferramentas de sapa, e, no entanto, pôde acontecer que o numero de praças empregado na escavação das trincheiras seja maior que o efectivo de um batalhão.

Assim quando se dá uma ordem ao parque de engenharia para fornecer ferramentas é necessario estar ao par de suas possibilidades, e assim distribuir equitativamente pelas unidades o material de que necessitam de acordo com a natureza e urgencia do trabalho.

Muitas vezes encontramos nos temas: a Cia. Pq. E. D. distribuirá ferramentas aos R. I. em taes e tais pontos:

E' natural indagar:

- 1.º — Qual a quantidade de ferramentas a fornecer? Depende do efectivo que nos R. I. foram postos a trabalhar, é um caso de especie.
- 2.º — Qual o efectivo maximo de trabalhadores que pode dotar com as ferramentas do parque?

Para avaliá-lo basta comparar a dotação do Pq. e a do R. I.

Avaliando em 150 homens por companhia, podemos calcular que o efectivo maximo que um R. I. poderá empregar, em trabalhos de sapas orça em 1800 homens.

Ora um R. I. dispondo de 4 viaturas com 195 ferramentas, isto é, 480 ferramentas de sapa, pedirá ao parque somente ferramentas para completar seu efectivo.

Restarão na Cia. Pq. E. umas 840 ferramentas com as quaes pode-se dotar um Btl. I.

Resumindo pode-se avaliar que, em grosso, a Cia. Pq. E. dispõe de ferramentas de sapa modelo de parque, em quantidade sufficiente, apenas, para aprovisionar um effectivo de trabalhadores, correspondente a quatro batalhões de infantaria.

Constatando-se porém esse resultado é mister fazer resaltar não se dever concluir que, quando uma D. I. collocar dous ou tres R. I. em primeiro escalão, se esteja na impossibilidade de reabastecê-los em ferramentas de parque na quantidade precisa dos trabalhos de terraplenagem.

De facto, quando um R. I. se installa defensivamente, nem todo seu effectivo de trabalhadores (1.800 homens mais ou menos, 150 por Cia.) é empregado em trabalhos de terraplenagem: uns construirão as rôdes de arames as quaes consomem grande efectivo; outros serão encarregados da escavação de abrigos, os quaes requerem ferramenta especial; um certo numero cuidará da organização dos depositos de material, e de seu transporte desses depositos ao local da obra; etc.

Haverá assim uma economia de pás e picaretas, que será utilisada para dotar um ou dous outros regimentos.

E' preciso ainda considerar os recursos que se podem obter pela requisição, e aumentar dessa sorte as possibilidades da Cia. Pq. E.

Esse estudo permite fazer as seguintes observações:

- 1.º — que a distribuição de ferramenta será sempre um caso de especie;
- 2.º — que ao ser dada uma ordem de distribuição de ferramentas torna-se mister attentar aos recursos que determinadas unidades obterão pela requisição nas localidades proximas do lugar do trabalho, de modo que as ferramentas da Cia. Pq. sejam de preferencia fornecidas aquellas que só disponham do que contêm os seus T. C.

A ordem indicará ainda o numero de ferramentas que cada corpo receberá da Cia. Pq. E.

3.^o — que em todas as questões de trabalho, principalmente em uma situação defensiva. Compete ao Cmt. Eng.^a, em função do programma de trabalho organizado, orientar o commando quanto á distribuição das ferramentas ás unidades.

Nota — Toda ferramenta fornecida pela Cia. Pq. E., quando não se trate de substituição por perda ou consumo, é sempre feita a título de emprestimo, devendo ser restituída logo que a unidade a que foi cedida não mais necessite.

VII — Terminando essas ligeiras considerações sobre os sapadores-mineiros, espera-se ter concorrido, de alguma forma, para melhor esclarecer as suas condições de emprego.

Demais fez-se um estudo das possibilidades dos corpos de tropa executarem determinados trabalhos, o que os tornará mais conhecidos dos officiaes das proprias armas, permittindo economizar por outro lado a tropa de engenharia.

As ideas aqui expostas são o resultado do Curso na E. A. O. em 1922 e de leituras em publicações francesas.

• O officialato de reserva

Em nosso último número, sob o título supra, pedimos mais uma vez a attenção dos verdadeiramente interessados pela solução do magnifico problema da defesa nacional, voltarem-se para a questão do officialato de reserva. Fisamos a necessidade de serem removidas as causas que desgostam os que se fizeram officiaes de reserva, donde a de se criar estímulos á manutenção dêstes num espírito sempre *crente* e *elevado*, além dos cuidados a ter com a formação de novos.

Com a mais jubilosa satisfação preparamos com o decreto recentemente publicado mandando fundar o primeiro centro para a boa formação de officiaes de reserva, convenientemente provido de meios e aproveitando a excellente matéria prima que podem fornecer os nossos centros acadêmicos.

Esse passo importante, e mesmo decisivo, dado em prol da solução de uma das mais sérias dificuldades da organização de nossa defesa, parece evidenciar claramente que nossas cogitações começam a sahir do âmbito estreito das preocupações eternamente burocráticas e improdutivas, em que até hoje vimos mergulhados, para o terreno das realizações visando de facto a guerra, isto é, a organização das energias nacionais em face de sua aplicação á guerra.

Por mínimo que de facto, isso realize, representa para nós a semente fecunda que há de germinar abundantemente no seio do patriotismo nacional, trabalhada e cultivada pelo carinho extremado e tenaz dos que souberam desde já implantá-la.

Vão naturalmente generalizar-se no país os centros de formação de officiaes de reserva e dados os magníficos resultados que prometem não é demasiado admitir que temos assim, se não completamente solucionado esse problema, ao menos enormemente facilitado sua solução.

Não basta, porém. Formados os officiaes de reserva será preciso mantê-los sempre no mais elevado nível de proficiencia, não só lhes alimentando o natural e legitimo ardor com que accorrem a assumir responsabilidades tão sérias, como facilitando e lhes proporcionando meios de manter e desenvolver sua cultura profissional.

E' obra relativamente facil de ser levada a cabo desde que se saibam remover as causas de desgosto pessoal, taes como a diferença berrante e injustificada dos uniformes, e desde que se saibam aproveitar os meios naturaes de que sempre o Exercito dispõe, mesmo sem verbas especiaes.

Que as autoridades superiores tracem desde já normas obrigatorias a serem observadas pelos diversos commandos em relação aos officiaes de reserva adestrados a seus corpos, evitando a todo transe que a incompreensão dos interesses geraes restrinja essas relações ao mero acto burocratico das apresentações. E' indispensavel forçar o interesse geral no sentido da boa comprehensão desse grande dever, que tal é tudo que diz respeito á formação das reservas.

Por outro lado a convocação annual das reservas, mesmo para periodos de exercicio de duração minima, impõe-se comece a ser desde já encarada; é o meio mais efficaz de estimulo e de cultura profissional do officialato de reserva.

Alem disso, os convites frequentes, e habilmente conduzidos, aos officiaes de reserva a que tomem parte nas solemnidades civico-militares, nas provas desportivas systematicamente organizadas, além dos actos íntimos de cada corpo a que devem ser figuras gratas e obrigadas, constituirão outros tantos meios de convergência de esforços no sentido da manutenção em nível elevado do moral militar de nossos patrícios officiaes de reserva.

A normalização desse estado de cousas constitue verdadeiramente a segunda etapa a vencer na formação dos officiaes de reserva. Enfrentá-la decisivamente desde já faz-se agora mister, visto poder ser considerada vencida a primeira etapa com a criação dos centros de formação dos officiaes de reserva. E é necessário emprehender desde já a acção nesse sentido, para que a obra que agora se inicia não fique minorada em seus resultados praticos e os interesses nacionaes não sejam ludibriados por uma obra imperfeita desde que permaneça incompleta. Nutrimos vivamente a esperança de que começamos a viver, de facto, uma era nova...

Balanço de Esperanças

E' preciso saber esperar

Entramos no quinto mês do anno. Está realizada a purificação material do país e a ordem política começa a normalizar-se com evidente desafogo da situação moral.

Não obstante o repouso que as aparenças denunciam em toda parte, sente-se um trabalho latente que promete ainda ser fecundo. As esperanças que surtiram em todos os ânimos, alviçareiras e soffegas, seis meses há passados, permanecem de pé, muito embora os mais árdegos temam evidentemente o malôgo de novas bôas intenções.

São effeitos estes de leves sombras que turvam costumeiramente nossos horizontes onde quer hajam trabalhos honestos: são productos das resistências a vencer necessariamente porque, se estas não existissem, não haveria grandes obras a emprehender.

O desânimo natural que sombreia a face de sinceros mas desridos seres que as desilusões continuadas e frequentes abalaram, não é senão producto da visão permanente de escólios que ainda entravam e perturbam a marcha da corrente suave e consoladora que agora parece iniciar seu curso magnifico.

E têm em apparencia razão os que assim descrem: se ha tropeços ao progresso, por que não os remover?

Sustentá-los parece um trabalho maior e mais ingrato que bem accommodá-los no curso dos acontecimentos naturaes, o que seria facilitado pela propria impulsão da corrente; sustentá-los, exige maiores e mais graves dispêndios que os abandonar á sua sorte, a seu destino natural.

Por outro lado, espiritos há, que tendem já a descrer do valor do trabalho e se entregam á indolência de um fatalismo muçulmânico e apáthico, improductivo.

Ora, não ha razões plausíveis de descrer do valor intrínseco e primordeal do trabalho. Certo, o trabalho por si só nada representa: pode exaurir o trabalhador e abatê-lo mesmo na estrada da victória a que sempre persegue mas que nem sempre alcança.

O valor do trabalho é sempre relativo, e como tal deve ser apreciado. Para medi-lo, é preciso chegar a um resultado verdadeiro, tendo em consideração a obra realisada. Tal seja a natureza dessa obra, pode largo tempo parecer o trabalho nullo ou improductivo, muito embora mais tarde se venha a ter uma vez a obra accometida, á impressão forte do immenso esforço despendido em realisá-la.

Por outro lado, não se pode exigir do trabalho a impressão viva de um movimento progressista, desde que elle seja de facto empregado em estabelecer uma ordem necessária.

Não há progresso sem uma ordem previa, ordem que deve ser profunda porque, se não penetra os orgãos centraes, tende sempre a ser

expellida pelos germes antipathicos ao progresso, divergentes e perturbadores.

A ordem necessária deve passar através da superficie e penetrar profundamente o organismo, extendendo-se a todos os apparelos componentes do ser vivo, aos órgãos centraes da vitalidade. Ahí, sim é que reside todo segredo das acções duradouras.

Enquanto esses órgãos não exercerem suas funcções normalmente, não haverá resultados definitivos e todas as medidas encaradas para restabelecer a apparencia de saúde, serão meros paliativos, mais nocivos que uteis porque causam effeitos apparentes, illusorios e desmoralizantes.

Não haverá disciplina, symptoma primordial de uma ordem verdadeira, rythmo normal de uma vida sadia, enquanto os grandes centros vitaes, equilibrados, não tomarem cada um sua actividade normal e fecundante.

Essa actividade normal é, porém, relativa: n'um ser doente, desequilibrado, desordenado, indisciplinado, deve ser claramente accentuada, accelerada, para poder cobrir as perdas fatais dos desregimentos. Se os órgãos centraes não podem dar a actividade necessaria ao caso anormal, de doença; se produzem um trabalho insuficiente, continuam as perturbações, a indisciplina, a desordem real e sobrevêm as atrophias e finalmente a morte.

Recompor esses órgãos e fasê-los funcionar convenientemente, é portanto o principal trabalho.

E' verdade que as veses apresentam elles uma apparencia de sanidade enganadora, mas seu estado de molestia é sempre facil reconhecer pela indisciplina que revelam tumultuosa ou resistente ao trabalho, desde que se forcem as condições correntes de seu funcionamento; excitados, nada produzem, ficam inertes, indisciplina resistente; ou precipitam-se e desregram, indisciplina tumultuosa. De todos esses aspectos o mais perigoso é sempre o da inércia ou da resistência passiva, por que derrota uma fraquesa anémica difficult de combater sem a aplicação de intervenções bastante energicas.

**

Não é cabível a descrença após este meio anno de restauração da ordem.

Há um trabalho surdo, latente, que se exterioriza por medidas características que, se não satisfazem todas as esperanças sinceras e ardentes, não devem, nem podem causar desilusões.

Tem-se já impressão de uma ordem abstracta superior aos individuos quaequer, muito embora considerações de certa natureza possam ainda dar a apparencia da predominancia de individualidades determinadas.

Mas certos órgãos se constituem, outros se criam, os quadros se movimentam inexoravelmente ocupando lugares desde muito abandonados e desafogando outros onde as comodidades arrastaram á plethora... São symptomas verdadeiramente animadores que surgem...

A esperança, a fé na vitoria nunca deve ser perdida, porque esta por si só, se é sincera e não se abate, acaba por eliminar sozinha todas as causas perturbadoras de seu bom êxito.

Bem sabemos que na guerra tudo é urgente; mas nem sempre as necessidades dessa urgencia são atendidas pelas circunstâncias infelizes — e, então, será preciso saber esperar sem nunca perder a vontade firme de vencer.

No presente momento, sente-se o reajusteamento suave dos órgãos ás necessidades de suas funções e nada autoriza a crer que este tra-

balho não prossiga e não accelere sua marcha. E' de optimo, bom conselho tomar os aprazíveis symptomas e a elles apegar-se avolumando-os, engrandecendo-os e enchendo todo ambiente de modo a repelir os maus e agoureiros prognosticos para mansões donde não possam ser ouvidos... Exprime-se assim uma vontade e com isso se começa de facto a agir no melhor sentido.

E que melhores e mais justas esperanças nos podem dar os fados que a ressonância animadóra da palavra governamental no que se refere á montagem de nosso apparelhamento militar?

O Conselho Supremo de Defesa Nacional, a nova lei de promoções, nova lei de serviço militar, aquisições de material, reorganização, eis a synthese de nossa construcção atacada nos pontos fundamentaes...

Nota importante

Lembramos aos nossos assinantes e representantes que estamos em vésperas de novo semestre, a iniciar-se com o primeiro numero (Julho) da nova phase em que entrará *A Defesa Nacional*. O preço da revista, apesar de aumentada como vai ser — assunto de aviação, de marinha e assuntos geraes — não será aumentado. Bem ao contrario, espera-se que a exploração commercial (materia paga) venha a permitir fixar o preço do numero avulso apenas em 1\$000, permitindo tambem baixar os preços redondos das assinaturas.

De outro modo avisamos que até nova prescrição continuam em vigor as regras para correspondencia já estabelecidas:

Com o fim de facilitar os entendimentos, entre os interessados e a nossa administração, prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assuntos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Rедактор-Secretario*;
- 2) Qualquer assunto sobre assinaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Rедактор-Gerente* (se a remessa de valores fôr feita em vale postal — ao *Thesoureiro*);
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazê-lo ao *Rедактор-Chefe*.
- 4) Todas as comunicações para a Papelaria Macedo, Rua da Quitanda 74 ou para a Caixa Postal 1206.

Outrosim, châmos a atenção para que o presente numero corresponde aos meses de Maio e Junho, visto que tivemos de encerrar a escripta da Gerencia com o fim de entrarmos desde logo nas medidas de execução da nova phase — ADEANTE!

ADEANTE !

A Defesa Nacional inicia nova phase visando toda a finalidade de seus objectivos : — a technica militar prepara a guerra mas é a Nação quem faz a guerra.

I

O que fizemos — o que nos resta fazer.

«Quando se attenta para a obra que as novas gerações produziram no meio militar brasileiro, não se pode deixar de sentir um orgulho sadio, porque despretencioso e impersonal, pelo potencial ao mesmo tempo idealista e realizador da propria nacionalidade, pois, afinal, todos quantos se arrojaram á tarefa foram recrutados pelo processo democrático que leva annualmente á Escola Militar, como aos corpos de tropa, patrícios nossos de todas as camadas sociaes, livres de qualquer preconceito sectario.

Nessa construcção immorredoura, feita de pequenos, mas constantes sacrifícios pessoas, houve lugar para todos que quiseram abnegar-se ao sacerdicio da real remodelação do nosso Exercito. Desde o reengajado que teve de ceder seu lugar ao conserto, até o official contrafaezendo a mentalidade que os antigos programas do ensino militar lhe haviam radicado na personalidade, através desses dois extremos, há uma verdadeira epopéa em que cada um teve sua parcela de desprendimento, de heroismo.

A batalha formidável que de 1908 para cá se travou entre o Exercito Velho, em sua retirada magnifica de attitudes, e o Exercito Novo avançando victorioso á força do exemplo pertinaz dos seus sonhadores irredutiveis, será, sem duvida alguma, das mais bellas paginas da nossa Historia Militar.

Essa grande obra pode resumir-se no esforço ingente de arrancar as forças militares da Nação do seu feitio miliciano e dar-lhe uma feição de Exercito tal como se fazia inadiavel.

Quando se iniciou a campanha, tinhamos apenas alguns corpos em cada uma das tres armas que, então, eram quásí todo o Exercito. As unidades d'essas armas não se agrupavam em unidades administrativas maiores, o que tornava impossivel pensar-se em grandes unidades das tres armas. A instrucção nada tinha de systematizada. As fileiras, constituídas pelo voluntariado a premio, estavam ankylosadas pelo reengajamento até o limite maximo da reforma. Os quadros, envelhecidos nos postos, não tinham consciencia plena de sua função militar e social e, salvo rarissimas excepções, não sabiam instruir nem commandar. O Exercito era uma milicia estagnada pelo serviço de guarnição, pelos methodos antigos e limitados de instrucção, pela ausencia de ideias militares.

Para transformar essa milicia em Exercito foi preciso systematizar a instrucção dos quadros como das fileiras, organizar-lhe o Commando e criar-lhe os Serviços, estabelecer as praças de exercicio e os campos de instrucção, as linhas e os polygonos de tiro, refundir o ensino das Escolas Militares e fundar cursos de especialidades, admittir novo processo de recruta-

mento e iniciar o estabelecimento das reservas. Essas são, em verdade, as luminosas jornadas da campanha que culminou com o advento do apostolado de Bilac e do contracto da Missão Militar Francesa. Hoje temos Estado Maior, Grandes Unidades, Serviços, doutrina estrategica e tactica, especialistas e reservas.

**

Infelizmente, porém, nem tudo tem a necessaria significação prática. As circumstancias ambientes se oppõem ainda á realização integral de todas as conquistas realmente emprehendidas. Pode dizer-se que existe um Exercito no papel e outro, de muito differente dêste, na realidade dos factos.

Mas, não podemos negar que é uma consoladora constatação saber-se que o Exercito Nacional já existe em projecto, por isso que há um corpo vasto de regulamentos, uma completa montagem de órgãos sem os quaes elle não poderia existir de nenhum modo.

A traducção verdadeira desse phenômeno singular é que, quanto dependia exclusivamente dos constructores do Novo Exercito foi feito, com a galhardia convicta de um crescimento endógeno, despercebido mas vitalizador. A organização do Exercito está virtualmente feita. A nova jornada que nos cumpre é integralizar na Nação o Exercito que construimos.

Até aqui bastou que agissemos no interior ignorado das casernas, ao sól dos campos de manobra, no trabalho de colmeia dos Estados Maiores, das Fabricas e dos Arsenaes. Fez-se a cruzada propriamente militar, organizou-se o Exercito. Agora devemos lançar nossa actividade para fundar as bases da organização militar da Nação.

**

Cumpre-nos ter a energia e o patriotismo necessarios a passar da campanha technico-profissional que realizámos á campanha civico-militar que devemos iniciar sem mais demora.

Pensavamos que a conscrição faria, automaticamente, o resto na nossa grande realização. As características brasileiras, entretanto, opuseram-se a isso. A lentidão com que vimos formando as reservas e as imperfeições da execução do serviço militar; a incipencia dos quadros de reserva e a evolução tumultuaria de todas as actividades nacionaes, todo esse conjunto de factores neutralizou a maior parte dos effeitos que esperavamos. Devemos sair a campo com a palavra e com o exemplo e restaurarmos essas forças, as unicas capazes de dar significação social ás conquistas estrictamente militares que realizámos.

Que todos saibam que não há Exercito, que não há defesa nacional enquanto se esperar das instituições armadas do pais que actuem dessa ou daquelle forma, ao sabor das correntes

partidarias. Que todos sintam que o Exército nada é sem a íntima e constante participação de todas as manifestações civis da Nação. Que o que se chama correntemente de Exército não é senão o apparelho de enquadramento das possibilidades nacionaes, na paz como na guerra. Que o nosso problema militar não é mais, somente, não pode ser mais, apenas, fazer e manter esse Exército, mas organizar a defesa nacional tão bem que se chegue com isso a integralizá-lo na propria Nação, da qual será elle o symbolo de suas conquistas políticas e sociaes, no interior como no exterior do país.

Extinguiu-se a antiga milícia que possuímos até 1908, mas o Exército Nacional que se instituiu ainda não mergulhou suas raízes na sociedade brasileira, espalha sua fronde vencedora na mentalidade miliciana que ainda é a da população civil. Olhamo-nos como uma instituição nacional, enquanto que as classes civis continuam a olhar-nos como se milicia fôssemos. Enquanto isso se verificar, o Novo Exército não sairá do papel, nem cessará completamente todo o mal estar que pesa sobre as nossas forças de terra.

A campanha cívico-militar a que alludimos — a nova jornada que nos incumbe — responderá a esse factor psychologico e inattendido até agora.

**

Como realizar esse novo apostolado? É elle muito simples, tão simples como foi o que realizamos, durante quase quatro lustros, desde que lhe emprestemos o mesmo ardor e a mesma fé.

Em primeiro lugar quebremos o vício mental de supôr-se que defesa nacional é competição de armamentos, é allucinação nacionalista ou transformação da sociedade num immenso quartel. Mostremos á Nação que o problema da sua defesa militar é um caso tão concreto como o da sua defesa económica, agrícola, industrial ou sanitária. Independe de quaisquer manifestações do sentimento, emerge de características geográficas e históricas, funda-se em razões de ordem científica. O Brasil tem o seu problema militar como o seu problema de viação, de hygiene, de finanças, como todos os seus outros problemas, com armamentos ou sem elles, haja nacionalismo ou não, sejam todos paisanos ou soldados.

Em segundo lugar demonstremos, a todos os brasileiros de boa vontade, que já é tempo de fixarmos o nosso problema militar, para que sintamos a sua complexidade, de quanto estamos longe do apparelhamento moral, material e technico que elle exige. Em consequencia disso formulemos o programma militar do Brasil que será a demonstração, em minucia, de tudo que ainda nos resta fazer.

Então ver-se-há que o que mais nos falta não são, propriamente, os meios materiaes mas a coordenação de todas as possibilidades nacionaes em vista da defesa militar do país, ou seja a organização militar da Nação.

Por fim, computando o total de todas as medidas extra-militares, sem as quais nada significa o Exército Nacional, convençamo-nos os nossos patrícios civis da falta de que mais se resente o Exército: a ausência de sua collaboração efectiva na solução dos nossos problemas

militares, a consciencia de suas responsabilidades militares ainda não despertadas.

II

O momento opportuno.

Aí está transcrito, na integra, o editorial do número duplo 149-150, correspondente aos meses de Maio e Junho de 1926. Há precisamente um anno que, normalizando o apparecimento da nossa Revista recapitulávamos toda a grande obra da nossa reconstrução militar, para a qual *A Defesa Nacional* contribuíu de perto, incentivando-a e lançavamo-nos as bases para a nossa actuação no grau em que chegou a nossa evolução militar.

Todos quantos trabalham em nossa humilde tenda sabem bem o que foi esse anno decorrido. A *Nação* e o *Exercito* saiam aos poucos de uma quadra de graves perturbações; novo dia raiava, novas esperanças, nova vida emergia do mais íntimo de todos os bons brasileiros. O esforço despendido por *A Defesa Nacional* deve estar na consciencia daqueles que acompanham com interesse e cuidado as correntes de idéas que a nossa Revista representa.

Até este momento porém nada pudemos fazer para lançar-nos decididamente na nova phase que devêramos realizar. *A Defesa Nacional* havia também entrado em convalescência. Grande parte dos males que pesavam sobre a Nação e o Exercito se fizeram sentir directamente sobre o nosso órgão de assumptos militares, por isso mesmo que elle se vota inteiro aos mais elevados interesses da defesa militar do país. E não havia de ser baldos de recursos de toda espécie que haveríamos de encarar as multiplas modalidades da ampliação definitiva dos nossos propósitos técnicos como jornalísticos.

**

Esse anno de luctas e expectativas foi entretanto suficiente para que se precisassem os nossos projectos. De um lado pequenos ensaios que fizemos para sair das restrições que a feição da nossa Revista nos impunha. Todos fracassaram, demonstrando sobejamente que a um raio de acção mais largo deveria corresponder uma organização mais ampla e mais sólida, capaz de desenvolver as nossas possibilidades. De outro lado a convicção cada dia mais arraigada da necessidade de conjugar *A Defesa Nacional* com as forças vivas ainda aproveitadas dos elementos mais representativos, pela sua actividade efficiente, do meio civil. Hoje não temos duvidas sobre que rumo seguir. *A Defesa Nacional* deve trabalhar pela manutenção da obra realizada dentro do Exercito mas, ao mesmo tempo, reunir em torno do problema da defesa militar do país, representantes de todas as actividades nacionaes.

**

Graças ás energias que dispomos em prol de nossas intenções, chegámos ao ponto de podermos enfrentar a nova phase com o mesmo espírito de decisão que sempre caracterizou a vida de nossa Revista. No momento em que circulará este numero apuramos o

saldo que se vê deduzido no balanço que publicamos no paragrapho V. Esse «super-havit» nos autoriza a entabolar desassombroadamente as negociações indispensaveis para a objectivação dos nossos projectos.

Coincidindo com o desafôgo de nossa The-souraria, acaba de firmar-se no meio civil o Club dos Bandeirantes do Brasil, reducto em que se vieram abrigar, em torno do mesmo ideal da grandesa e integridade de nossa Patria, os nomes mais representativos das gerações contemporaneas. Lá encontramo-nos a fonte de recrutamento daquelles que vão comosco dar á obra de *A Defesa Nacional* toda a projecção que o seu titulo comporta.

Em duas secções sucessivas do Nucleo (27 de Abril e 5 de Maio) foram estudadas as condições para a realização da velha aspiração e, por fim, em assembléa de 7 de corrente, ficou estabelecido o acordo prático que se encontra, na integra e convenientemente assignado por ambas as partes, no paragrapho IV, o acordo que incorpora *A Defesa Nacional* á revista que o Club dos Bandeirantes do Brasil fundará.

III

Fins e organização do Clube dos Bandeirantes do Brasil.

Para que os nossos presados camaradas possam ter ideia segura do alcance da nova fase que o acordo com o Club dos Bandeirantes do Brasil assegurará aos objectivos visados por *A Defesa Nacional* em seus catorze annos de existencia damos a seguir os artigos capitais dos fins e organização daquele Club:

DA SOCIEDADE E DOS SEUS FINS

Art. 1. — Sob a denominação de «Bandeirantes do Brasil», fica constituído, com sede na Capital da Republica dos Estados Unidos do Brasil, um club de intuições sociais e patrióticas, que terá por fim:

1. Congregar pessoas nutritas de espírito e de audácia desportiva, que se interessem, vivamente, pelos assumptos brasileiros, estimulando viagens e explorações pelo interior do país, organizadas de molde a assegurar perfeito conhecimento das nossas bellezas e riquezas naturaes e real proveito para as nossas sciencias, letras e artes.

Essas observações, oportunamente divulgadas em órgão de publicidade do Club, em livros ou em séries de conferências, versarão de preferencia sobre aspectos da nossa geographia phisica, social e especialmente económica, dados tecnicos em relação a sistemas de penetração, observações dos nossos costumes e folclore.

2. Promover, por todas as formas ao seu alcance, o interesse público e particular em favor do turismo, do desenvolvimento dos meios de transporte e locomoção terrestre, da viação aérea, da navegação fluvial e marítima, das boas estradas de rodagem, sua conservação e restauração, reparação das obras de arte que constituem o nosso patrimônio artístico, do desenvolvimento em geral das forças vivas da

nacão, e do avigoramento do carácter da moçidade, em torno dos ideaes patrios.

Propagar por todo o Brasil o Ideal Bandeirante, formando nucleos e acampamentos (arts. 28 e seguintes).

4. Trabalhar pela mais perfeita unidade nacional.

Art. 2. — O Club opportunamente organizará, com a collaboração dos seus associados:

1. Uma biblioteca de assumptos brasileiros e países americanos, notadamente de Geographia, Historia, Sociologia, Ethnographia, Viagens e livros de Literatura Nacional.

2. Uma secção especializada em mappas, guias, roteiros e estradas.

3. Um museu regionalista.

4. Um arquivo de documentos históricos, manuscritos e photographicos.

DA CLASSIFICAÇÃO DOS SOCIOS

Art. 3. — O Clube dos Bandeirantes do Brasil compor-se-á de socios contribuintes e socios honorarios.

Paragrapho unico — Os socios contribuintes dividem-se em «esculcas» e «bandeirantes».

DA ADMISSÃO DOS SOCIOS

Art. 4. — A admissão dos socios será sempre na categoria de «esculcas».

Art. 5. — Para ser socio «esculca» é necessário:

- a) Ser maior de 18 annos.

- b) Ser proposto por dois socios no gozo dos seus direitos sociaes.

- c) Obter approvação por parte da Directoria, em escrutínio secreto.

Art. 6. — As propostas para admissão de socios serão enviadas ao 1º Secretario que as affixará em quadro especial destinado a esse fim, na sede social, por prazo não inferior a cinco dias.

Art. 7. — São socios bandeirantes, obrigados ás mesmas contribuições dos socios esculcas, todos aqueles que forem declarados taes de acordo com o art. 23, b.

Art. 8. — São socios honorarios, isentos de qualquer contribuição, aquelles que, por proposta de mais de 20 bandeirantes, forem aceitos pelo Conselho Deliberativo.

Art. 9. — A juizo da Directoria, e com aprovação do Conselho Deliberativo, cidadãos brasileiros ou estrangeiros poderão ser aceitos socios, independentemente de pagamento da joia em vigor, nos casos em que seja demonstrada por parte dos propostos, merecimentos excepcionaes como Bandeirante.

DOS DEVERES DOS SOCIOS

Art. 10. — Aos socios em geral, após a aceitação de suas propostas, assiste a obrigação de:

1. Satisfazer no prazo e condições endicadas pelos estatutos, a joia de 50\$000, e, adequadamente, a importancia da mensalidade vigente de 10\$000, até que seja alcançado o numero de 1.000 socios, quando a joia e a mensalidade poderão ser aumentadas de conformidade com as necessidades do Clube a critério do Conselho Deliberativo.

2. Observar os presentes estatutos e disposições do regulamento interno e os mandamentos do Bandeirante.

3. Respeitar, com espirito de disciplina, as resoluções da Directoria e acatar os seus membros e representantes legaes dentro de suas atribuições.

4. Concorrer, na medida de suas possibilidades, para o engrandecimento dos Bandeirantes do Brasil.

5. Prestar toda a consideração e auxilio aos seus consocios.

DOS DIREITOS DOS SOCIOS

Art. 11. — Desde a data da sua admissão, assiste ao socio quide, o direito de:

1. Frequentar a séde, bibliotheca e mais dependencias do Club.

2. Propôr socios.

3. Trazer, com a devida permissão da Directoria, convidados, em visita ao Club.

4. Usar os distintivos do Club e gozar de todas as prerrogativas da classe a que pertence.

5. Possuir uma carteira de identidade, fornecida pelo Club a preço do custo, contendo o título de socio e o retrato do possuidor.

§ 1.º — Sómente os socios bandeirantes poderão tomar parte nas assembléas, votar e ser votados, ocupar os cargos da Directoria e Conselho Deliberativo.

§ 2.º — No caso de negar o Presidente a convocação da Assembléa geral, cinquenta socios bandeirantes poderão fazê-lo, na forma dos arts. 14 a 16.

Art. 12. — As inicias H. B. para os socios bandeirantes no final do nome ou dos seus títulos.

b) — Para lapella de todos os socios, um carrapato vermelho, estylizado, sobre fundo verde e debruado de amarelo.

c) — Para automovel, ou outros veículos, uma flâmmula triangular de fundo verde, debruada de amarelo, tendo ao centro, envolvido por um anel vermelho, um carrapato da mesma cor e uma estrella branca no ângulo superior.

DAS ASSEMBLÉAS GERAES

Art. 13. — Annualmente, no mês de Setembro, haverá uma assembléa geral, convocada pela Directoria para o fim de:

1. Tomar conhecimento dos actos da Directoria e do parecer da Comissão de Contas em relação ao anno findo.

2. Discussão do programma e orçamento para o anno entrante.

Paragrapho unico. As Assembléas Geraes só poderão reunir-se na séde do Club.

Art. 14. — As assembléas extraordinarias, que deverão ser convocadas pelo presidente em editaes affixados na séde e publicados em jornal de grande tiragem, com a antecedencia nunca menor de cinco dias, só poderão tratar do assunto a que foram especialmente convocadas.

Art. 15. — As assembléas ordinarias e extraordinarias só poderão funcionar em primeira convocação com a maioria absoluta de socios bandeirantes. Em segunda convocação funcionarão com qualquer numero.

Art. 16. — As assembléas serão presidida por um socio indicado na occasião pelo Presidente, com approvação da Assembléa, o qual convidará, para secretarios, dois socios que não façam parte da Directoria, sendo a votação nominal entre os socios presentes quites.

Art. 17. — A's assembléas geraes compete

a) — Eleger o Conselho Deliberativo dos meses antes do expirar a gestão da Directoria e exercicio.

b) — Destituir a Directoria por maioria de $\frac{2}{3}$ da totalidade dos socios bandeirantes.

c) — A dissolução do Clube por igual maioria.

DAS PENALIDADES SOCIAES

Art. 18. — O socio que deixar de fazer duas contribuições mensaes consecutivas, sem justificativa aceita pela Directoria, terá o prazo de 30 dias para se quitar com a Thesouraria, sob pena de ser desligado do quadro social.

Art. 19. — O socio que transgredir os presentes estatutos em algum dos seus artigos, será admoestado pela Directoria. No caso de reincidencia ou falta grave, que o incompatibilize no convívio com os demais socios, a Directoria, em se tratando do socio esculca e o Conselho Deliberativo, quando se tratar de bandeirante, com a maioria de votos, decidirá sobre a sua eliminação.

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 20. — O Club dos Bandeirantes do Brasil será administrado por uma Directoria e um Conselho Administrativo.

DA DIRECTORIA

Art. 21. — A Directoria será constituída pelo Presidente, primeiro e segundo Vice-Presidente, primeiro e segundo Thesoureiros, primeiro e segundo Secretarios, Director de propaganda, Director de revista, e Director da séde, pelos Directores technicos, presidentes respectivamente das seguintes commissões:

1. Locomoção Terrestre.
2. Communicações Fluvial e Maritima.
3. Communicações Aereas.
4. Estradas.
5. Turismo.
6. Estudos Economicos.
7. Estatística.
8. Medica.
9. Historia, Arte e Letras Brasileiras.
10. Radio-Communicações.
11. Direito e Política Legislativa.
12. Defesa militar.

DO CONSELHO DELIBERATIVO

Art. 22. — O Conselho Deliberativo será constituído:

- a) — Pelas commissões enumeradas no art. 21.
- b) — Pelos delegados dos nucleos.

Paragrapho unico. Cada commissão é composta de 4 membros, cabendo a presidencia da mesma a um delles, escolhido pelo Presidente do Clube.

Art. 28.

A' Comissão de Locomoção Terrestre terá seu cargo o que diz respeito a estradas de ferro, automobilismo, e demais meios de tra-

orte terrestres, estudando, indicando e dando a crecer sobre os veículos mais apropriados ás diferentes zonas do território nacional.

A Comissão de Locomoção Fluvial e Marítima cabe o que diz respeito á locomoção sobre mar, estudos referentes ás nossas bacias hydrographicas, oceanographia e piscicultura.

A Comissão de Estradas: os assumptos concernentes ás estradas de rodagem, organizar carta rodoviaria do país, estimular a ampliação dos meios de transporte e locomoção.

A Comissão de Turismo: estimular e organizar excursões pelo interior do país.

A Comissão de Estudos Económicos: o estudo da riqueza do país, promovendo:

1. Conefrenças sobre os nossos produtos sua situação e desenvolvimento.

2. Estudo sobre a situação industrial do país.

3. Inqueritos e estudos sobre as possibilidades materiais e intellectuais, e aproveitamento das riquezas do país.

A Comissão Médica compete:

1. Estudar e promover a defesa da base física da raça, por meio de conferências e publicações,

2. Obter das autoridades públicas as medidas necessárias á eliminação das endemias que contribuem para o depauperamento phisico das populações sertanejas;

3. Promover a adopção de desportos e hábitos scientificamente aconselháveis ás populações brasileiras.

A Comissão de Radio-Comunicações cabe estabelecer, a mais íntima ligação entre os núcleos acampamentos bandeirantes e promover a maior diffusão dos nossos ideias, por intermédio da Radio-telegraphia e Radio-telephonia.

A Comissão de História, Arte e Letras Brasileiras — compete a defesa do património artístico que nos foi legado pelos nossos antepassados, a glorificação dos nomes históricos e todos os assumptos que se relacionem com a Arte, as Letras e a História.

A Comissão de Direito e Política Legislativa incumbe:

1. A analyse científica das leis brasileiras, com o intuito de manter as regras eficazes e depurar o direito brasileiro de tudo que dificulte a evolução e o enriquecimento natural e intellectual do país.

2. A elaboração de ante-projectos e a critica dos projectos que estejam em discussão na Imprensa e no Congresso.

3. A redacção de leis ou regulamentos que concretizem, em forma jurídica, as proposições das outras comissões.

4. Estudar as questões de educação e ensino.

A Comissão de Defesa Militar compete:

1. Trabalhar pela diffusão das idéias fundamentais da organização militar (escritos e conferências).

2. Ventilar as questões postas em fóco pelo Ministério da Guerra e da Marinha, de modo a poder apoiá-las com firmeza e patriotismo bandeirantes.

3. Estudar, com profundidade, os problemas decorrentes do « facies » militar do país como subordão á preparação moral da guerra (opinião

publica) e á elaboração dos projectos de lei que se imponham.

Paragrapho único. — Sempre que o parecer de uma comissão acabe pela redacção de um projecto de lei, deverá sobre elle pronunciar-se a Comissão de Direito e Política Legislativa. As secções da Comissão de Defesa Militar só serão assistidas com voto, pelo Presidente do Club e pelo da Comissão de Direito e Política Legislativa, salvo convite especial a outros membros da Comissão.

**

Como se vê, será incalculável o acervo de subsídios que se reunirão num mesmo volume em torno de todas as questões que interessam de perto a grandeza e a integridade da Nação Brasileira.

IV.

Acordo previo entre A Defesa Nacional e o Club dos Bandeirantes do Brasil.

No sentido de assegurar a individualidade de *A Defesa Nacional*, em qualquer caso, ao mesmo tempo que tirar todo partido da sua conjugação com os fins e a organização do *Club dos Bandeirantes do Brasil*, o acordo previo entre essas entidades ficou firmado como se segue:

Acta do acordo previo para incorporação da revista *A Defesa Nacional* ao *Club dos Bandeirantes do Brasil*:

Aos oito dias do mês de Maio de mil novecentos e vinte e sete, na sede do *Club dos Bandeirantes do Brasil*, ficou ajustado o seguinte acordo prévio:

- 1.º O *Club* fará a revista *A Bandeira*.
- 2.º *A Defesa Nacional*, incorporada ao *Club*, constituirá parte integrante de *A Bandeira*, conservando sua feição e autonomia relativas, que será regulada pela adaptação dos seus actuaes estatutos ás novas condições.
- 3.º Dos directores de *A Bandeira*, um se tornará membro do Exército, escolhido pelo Presidente do *Club*, dentre os actuaes mantenedores de *A Defesa Nacional*.
- 4.º Fica constituída sob a presidência do Presidente do *Club*, a seguinte Comissão mixta para a adaptação a que se refere o numero 2.º:

Por parte do *Club*:

*Ferdinando Labourau,
Amarilio V. Cortez,
Pontes de Miranda,*

e por parte de *A Defesa Nacional*:

*Ten. Cel. Pass de Andrade,
Cap. J. B. Magalhães,
Cap. Mario Travassos.*

E por terem justo e accordado assinaram o presente.

Rio de Janeiro, 8 de Maio de 1927.

Seguem-se as assinaturas dos directores do *Club* e dos mantenedores de *A Defesa Nacional*.

V.

Balanço das nossas finanças.

Balancete da receita e despesa da revista A Defesa Nacional no corrente anno até 10 de Maio.

Classificação	Receita	Despesa
1. — Depósito em caderneta no Banco da Província	2:963\$300	
2. — Recebido em Janeiro de assinaturas, livros e anúncios	1:005\$400	
3. — Pagamentos de Janeiro		102\$900
4. — Recebido em Fevereiro	2:007\$000	
5. — Pagamentos de Fevereiro		2:387\$000
6. — Recebido em Março	1:330\$200	
7. — Pagamentos de Março		1:205\$500
8. — Recebido em Abril	323\$000	
9. — Pagamentos de Abril		838\$000
10. — Recebido em Maio, de assinaturas e a subvenção dada pelo Governo Federal no orçamento de 1926	4:295\$000	
11. — Vale postal n.º 370	117\$000	
12. — Pagamentos de Maio		3:510\$700
13. — Balanço		3:997\$300
 Total	 12:041\$400	 12:041\$400

Movimento da Thesouraria á effectuar no 1.º Semestre do corrente anno.

Classificação	Receber	Pagar
1. — A receber na Contabilidade da Guerra do exercício de 1927 de acordo com a lei n.º 5156 de 12 de Janeiro próximo passado	4:000\$000	
2. — Factura n.º 2621		1:201\$000
3. — Pagamento de Expediente		100\$000
4. — Despesa já realizada de impressão dos meses de Abril e Maio		2:660\$000
5. — Balanço		39\$000
 Total	 4:000\$000	 4:000\$000

Observação:

Não figura no presente balanço a importância de 4:000\$000 da subvenção de 1925 que caiu em exercícios findos. Será recebido pelo tesouro mediante processo já iniciado.

VI.

Conclusão.

O passo é largo, decisivo mas seguro. Nelle há a intenção de servir melhor, a vontade firme de pensar e agir cada vez de mais alto, colmando interesses cada vez mais geraes. Sobretudo há a confiança na solidariedade de nossos

assinantes, graças a qual *A Defesa Nacional* pôde ser uma das poucas coisas que se salvaram da crise tremenda que nos assaltou a todos.

Assim, é com imenso júbilo patriótico que comunicamos aos nossos assinantes e aos demais camaradas que nos teem sempre honrado com o seu apoio, às vezes até incondicional, o renascimento de *A Defesa Nacional* que aparecerá em Julho mais apta que nunca à realização de seus elevados designios.